

coleção  primeiros
passos 159

BRANCA



Daniel Becker

**O QUE É
ADOLESCÊNCIA**

editora brasiliense

Copyright © by Daniel Becker, 1985
Nenhuma parte desta publicação pode ser gravada,
armazenada em sistemas eletrônicos, fotocopiada,
reproduzida por meios mecânicos ou outros quaisquer
sem autorização prévia da editora.

Primeira edição, 1980

10ª edição, 1993

1ª reimpressão, 2010

Conselho editorial: *Danda Prado*
Cleide Almeida

Coordenação editorial: *Alice Kobayashi*
Coordenação de produção: *Roseli Said*
Diagramação: *Digitexto Serviços Gráficos*
Revisão: *Angela das Neves*
Capa: *Marco Mariutti e Clovis França*
Ilustrações: *Lino H.*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Becker, Daniel

O que é adolescência / Daniel Becker.

– São Paulo : Brasiliense, 2009. – (Coleção primeiros passos ; 159)

1ª reimpr. da 1. ed. de 1980.

ISBN 978-85-11-01159-3

1. Adolescência I. Título. II. Série.

09-06715

CDD-155.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Adolescência : Psicologia 155.5

editora e livraria brasiliense

Rua Mourato Coelho, 111 – Pinheiros
CEP: 05417-010 – São Paulo – SP
www.editorabrasiliense.com.br



SUMÁRIO

NA TUA IDADE EU TAMBÉM QUERIA MUDAR O MUNDO . . .	7
A METAMORFOSE	14
RADIOGRAFIA DE UMA VISÃO: O LADO AVESSE	51
ADOLESCÊNCIA: QUANDO, COMO E ONDE	57
MUDANDO O REFERENCIAL	65
ADOLESCÊNCIA: AQUI E AGORA	76
POR QUE ADOLESCÊNCIA?	93
INDICAÇÕES PARA LEITURA	97

*Agradecimentos a Valéria Santiago, Gilberto
Velho, Edson Saggese, Marcos Gleizer,
Caio Graco Prado e Simone Becker.*

*A Izabel, por tudo que está escrito,
e por tudo que não dá para escrever.*



NA TUA IDADE EU TAMBÉM QUERIA MUDAR O MUNDO

“Numa sociedade em que não há divergência, ou na qual a divergência não é permitida, a palavra adolescente perde o sentido.

E. Z. Friedenberg

Um cena muito comum em filmes épicos americanos, daqueles antigos: um pai enlaça o filho pelo ombro, leva-o até a varanda do casarão, e com o braço estendido, aponta para a grande vastidão da planície que se descortina aos seus olhos, e diz:

– Meu filho, um dia, tudo isso será seu.

Parto dessa lembrança para imaginar uma outra cena que talvez ajude a começar esta breve discussão sobre adolescência: um pai enlaça o filho pelo ombro e o traz até a janela do conjugado no décimo pavimento

de um prédio de 25 apartamentos por andar. De lá, se descortina aos seus olhos uma cidade poluída e superpopulada, onde grassam a fome, a miséria, as favelas, onde dezenas de pessoas morrem diariamente em acidentes e homicídios, onde indivíduos-autômatos correm, consomem e competem por dinheiro e êxito pessoal; num país aviltado durante vinte anos pela ditadura e pela corrupção, massacrado pela dominação cultural e econômica; num mundo constantemente em guerra e ameaçado pela destruição nuclear. Ele aponta para tudo isso e diz:

– Meu filho, um dia...

Não tenho dúvidas de que muitos dos nossos pais não vacilariam em oferecer essa herança a seus filhos. Afinal, foi esse o mundo que eles e seus próprios pais ajudaram a construir, mesmo que involuntariamente, e é o único que conhecem. Mas me pergunto se o jovem de hoje pode ou deve se conformar em aceitá-lo aprendendo a acreditar que não existem alternativas.

Apesar do conceito de adolescência (do latim *ad*, para + *olescere*, crescer: crescer para) como ele é hoje conhecido ter surgido em torno do início do século XX, a questão do jovem como “problema” existe há muito tempo e acompanha toda a evolução da civilização ocidental. Podemos encontrar em escritos de 4 mil anos atrás referências a que “os filhos de hoje já não respeitam mais os pais como antigamente”.



Do ponto de vista do mundo adulto, isto é, o sistema ideológico dominante, o adolescente é um ser em desenvolvimento e em conflito. Atravessa uma crise que se origina basicamente em mudanças corporais, outros fatores pessoais e conflitos familiares. E, finalmente, é considerado “maduro” ou “adulto” quando bem adaptado à estrutura da sociedade, ou seja, quando ele se torna mais uma “engrenagem da máquina”.

É assim que encaram a adolescência muitas das teorias que pretendem estudá-la. É assim que se dirige ao adolescente a maioria dos manuais do tipo que é tradicionalmente apresentado aos jovens que entram na faixa da puberdade, para que sejam ensinados a comportar-se de acordo com o que a sociedade espera deles.

Essas teorias e manuais são instrumentos bastante úteis. Defendem a preservação do sistema do qual eles próprios se originam. Afinal de contas, o novo, o questionamento e o conflito que muitas vezes explodem no adolescente são muito perigosos... então nada melhor que enclausurar todas essas ameaças em um período da vida do indivíduo, aplicar-lhes um rótulo de “crise normal” e definir a adaptação às regras vigentes como “cura” ou “resolução” da crise.

Existem, porém, muitas outras formas de abordar a adolescência. Em primeiro lugar, parece haver uma clara distorção nas teorias que buscam explicá-la em termos unicamente psíquicos e somáticos (corporais). Seria possível, hoje, quando a nossa sociedade



atravessa a mais grave crise de sua história, ignorar a importância fundamental dos fatores sociais, econômicos e culturais que incidem na crise do adolescente?

Ora, digamos que o jovem, que ainda não foi contaminado ou moldado pelos dogmas e conceitos considerados pelo mundo adulto como verdades inabaláveis, se rebele contra determinados valores, estigmas, preconceitos e (con)tradições que lhe tentam impor. Isso significa que ele está doente, ou atravessando uma “crise psicológica normal”? Talvez possamos, em vez disso, explicar esse fenômeno como a passagem de uma atitude de simples espectador para outra ativa, questionadora. Que inclusive vai gerar revisão, autocrítica, transformação. E que será, portanto, fundamental tanto para o desenvolvimento da sua própria personalidade quanto para o aperfeiçoamento da sociedade em que ele vive.

“Esse inconformismo é típico de vocês, jovens. Na tua idade eu também queria mudar o mundo. Queria brigar, protestar, transformar o que achava errado. Mas o tempo me mostrou que a realidade não é bem essa. A gente vai ficando mais velho, surgem as responsabilidades, a necessidade de sobrevivência, a gente vai se conformando. Aí começa a trabalhar, casa, tem filhos... a vida é assim mesmo. Mais tarde você vai compreender.”

Essas palavras são muito familiares (nos dois sentidos) a quase todos nós. São tradicionais, coerentes,



e até seria possível dizer, verdadeiras. Porém, apenas por um lado.

Será que o jovem sempre se acomoda, depois de uma certa idade? Será que é seu “dever social” fazer isso? E o adulto, por acaso lhe é vedado protestar, tentar transformar o que acha errado?

Não é difícil perceber que aquelas palavras são verdadeiras apenas se partirmos do ponto de vista do sistema sociocultural que elas representam. Esse sistema vive numa contínua busca de preservação e autorreprodução. Ele precisa se perpetuar, mesmo afogado em suas próprias contradições. E o faz incentivando o conformismo, fazendo-nos acreditar que os padrões de vida por ele estabelecidos são únicos e imutáveis.

Aqui vamos tentar descobrir que esta talvez não seja a única verdade. Nem a melhor, nem a mais coerente. Para tentar entender o adolescente, é preciso que se olhe para ele de perspectivas bem mais amplas que as tradicionais.

Antes de começarmos, porém, é preciso esclarecer um ponto importante. Não existe uma adolescência, e sim várias. O próprio conceito de que ela é um fenômeno universal é muito duvidoso. Existem sociedades nas quais a passagem da vida infantil para a adulta se faz gradativamente; a criança vai recebendo funções e direitos até que atinja plenamente a condição de adulto, o que faz desaparecer as características do que chamamos de “crise da adolescência”. Em ou-



tras sociedades, existe um ritual de passagem (geralmente quando começam as transformações físicas da puberdade) após o qual se confere ao indivíduo todos os direitos e responsabilidades do adulto. Esses rituais envolvem muitas vezes intenso sofrimento psíquico e físico. Mas eles podem facilitar o processo de integração à sociedade adulta e favorecer o desenvolvimento da autoestima, identidade e segurança no jovem.

Já em nossa sociedade, no entanto, a adolescência vem se tornando um período cada vez mais longo e mais complexo. Por um lado, muitos adolescentes atravessam esse período absolutamente imunes a qualquer tipo de crise. Simplesmente vivem, adquirem ou não determinados valores, ideias e comportamentos, e chegam “incólumes” à idade adulta.

Por outro lado, a própria definição do “ser adulto” fica cada vez mais fragmentada e confusa. As contradições são incontáveis. São exigidas do jovem atitudes que ele muitas vezes não pode ainda tomar, como, por exemplo, definir aos 16 anos a carreira que ditará toda a sua vida profissional. Ao mesmo tempo, lhe são negados direitos e liberdades que ele quer, pode e precisa exercer.

Enquanto lida com seus conflitos interiores e mudanças corporais, o adolescente se encontra em uma sociedade contraditória e cuja complexidade gera muita confusão na sua cabeça. Ele se defronta hoje com uma cultura em intensa mutação, valores velhos e



decadentes se contrapondo a novas ideias e conceitos, sem que haja sequer tempo para sua assimilação.

Com tudo isso, a sociedade ocidental não colabora em nada para facilitar a “crise” do adolescente, enquanto, por outro lado, tenta atenuá-la ou abafá-la. E é preciso lembrar também que, mesmo dentro dessa sociedade, a adolescência pode assumir formas muito diversas. Uma criança pobre, por exemplo, será empurrada para a vida adulta muito mais precoce e abruptamente do que um jovem de uma classe mais privilegiada, que pode prolongar sua adolescência indefinidamente.

Existe ainda outro tipo de diversidade no “adolescer”: num contexto em que atuam fatores sociais, culturais, familiares e pessoais, os jovens assumem ideias e comportamentos completamente diferentes. Há os que querem reproduzir a vida e os valores da família e da sociedade, há os que contestam, rejeitam e querem mudar; os que fogem, os que lutam, os que assistem, os que atuam... enfim, existem inúmeras escolhas.

O assunto é muito amplo; cada tema abordado aqui daria para um ou mais livros. Portanto, em nenhum momento este livro se propõe a apresentar definições ou aprofundar teorias. Pelo contrário, a ideia é apresentar questões e tentar motivar no leitor a procura das próprias respostas.





A METAMORFOSE

“O primeiro grande salto para a vida é o nascimento.

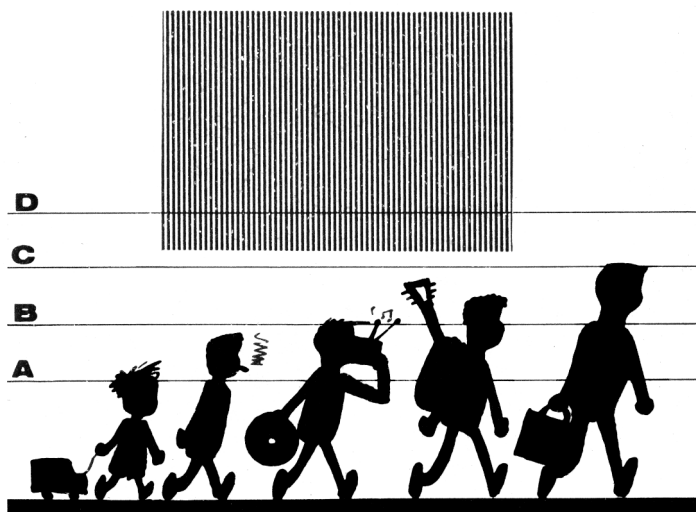
O segundo é a adolescência.”

Eduardo Kalina

Então, um belo dia, a lagarta inicia a construção do seu casulo. Este ser que vivia em contato íntimo com a natureza e a vida exterior se fecha dentro de uma “casca”, dentro de si mesmo. E dá início à transformação que o levará a um outro ser, mais livre, mais bonito (segundo algumas estéticas) e dotado de asas que lhe permitirão voar.

Se a lagarta pensa e sente, também o seu pensamento e o seu sentimento se transformarão. Serão agora o pensar e o sentir de uma borboleta. Ela vai ter





*No adolescente, corpo, ideias, emoções e comportamento
sofrem as consequências do processo de transformação.*



outro corpo, outro astral, outro tipo de relação com o mundo.

E então, devagar e gradativamente, a criança inicia a construção do que será a sua adolescência, dentro e por meio da qual se transformará. Para isso ela muitas vezes precisa deixar de se relacionar tanto com o mundo que a cerca para se fechar um pouco em seu casulo, e se relacionar agora mais consigo mesma, com sua própria metamorfose.

E ela inicia a transformação que a levará a um ser adulto, mais maduro (segundo algumas estéticas) cuja relação com a vida é diferente. E acrescida da capacidade de reprodução da própria vida, pois ela desenvolveu durante a transformação as asas necessárias para esse voo.

Este ser vivo, obviamente dotado de pensamento e sentimento, terá também essas características profundamente afetadas pela metamorfose. Um ser que pensa e sente como criança pensará e sentirá de modo bem diverso como adulto. Ele tem outro corpo, outro astral. Interage com o mundo de outra maneira, passa a receber exigências diferentes do ambiente que o cerca.

Mas como serão o corpo, o pensamento e o sentimento desse ser que está *agora* em transformação? Não o antes ou o depois, mas o durante? O que acontece com esse adolescente no decorrer dessa viagem?

Muitas vezes ele será mais dinâmico, mutável, imprevisível. Pode ser também um tanto mais confuso: as partes do corpo de hoje não são mais as de ontem;



as ideias já mudaram, as emoções não são as mesmas, o comportamento surpreende até a ele próprio.

Vejam os então como se dá essa transformação. Mas antes, um esclarecimento muito importante. Quanto às mudanças no nível físico corporal do adolescente, até onde sabemos, elas são universais (com algumas e importantes variações). Mas o mesmo não acontece no nível psicológico e das relações do indivíduo com o ambiente. Sabemos que os padrões de comportamento são muito variáveis: de cultura para cultura, de grupo para grupo numa mesma cultura, e de indivíduo para indivíduo num mesmo grupo.

Muitos já tentaram compreender e explicar a viagem do adolescente pelo mundo da sua metamorfose. Alguns acreditam tanto nas suas explicações que chegam a considerá-las verdades absolutas e universalmente válidas. No entanto, elas são apenas teorias, teses, hipóteses... pontos de vista (mesmo porque, em se tratando em grande parte de uma viagem por dentro de si mesmo, cada uma delas é especial, particular). Tudo que já se formulou sobre ela pode ajudar-nos a compreendê-la melhor, utilizá-la para nosso crescimento. Mas nada é absoluto, ou aplicável a todos os casos.

O que faremos agora é apenas dar uma visão geral, uma das descrições possíveis da adolescência. E, ao falarmos dos seus aspectos emocionais, utilizaremos basicamente os pontos de vista e as teorias da psicanálise. Isso porque, além de ser muito bem elaborada,



ela é a base da visão com a qual a nossa sociedade encara hoje o adolescente. Isso não significa, no entanto, que ela não esteja sujeita a críticas. Pelo contrário: mais adiante abordaremos outros pontos de vista muito diferentes, especialmente no que se refere à relação do adolescente com a sociedade.

Um novo corpo

A ciência ainda não descobriu quais são os fatores que desencadeiam o início das transformações da puberdade. Aliás, seria bom, antes de mais nada, entender o que é puberdade: ela é apenas um fenômeno que ocorre durante a adolescência e tem limites bem mais precisos e estreitos. É o período da vida em que o indivíduo se torna apto para a procriação, isto é, adquire a capacidade física de exercer a função sexual madura.

Mas, como ia dizendo, o desencadeamento das transformações corporais no adolescente é um processo bastante complexo. A faixa de idade em que o fenômeno começa é extremamente ampla. Por exemplo, uma menina de 13 anos, com seios desenvolvidos, pelos pubianos e ciclos menstruais regulares é tão normal quanto outra da mesma idade, sem nenhuma dessas características. A tendência hoje é acreditar que a puberdade seja alcançada gradualmente, sem que haja necessariamente um fator precipitante.



Sabe-se atualmente que a coisa toda tem início no hipotálamo, uma pequena região do cérebro, que tem inúmeras conexões com o córtex (camada cinzenta) e o sistema límbico. Traduzindo: com fatores externos, estímulos ambientais, com o pensamento e a emoção.

Simplificando a história: o hipotálamo, num determinado momento do seu desenvolvimento, começa a fabricar substâncias que chegam à hipófise (glândula que controla a função das outras glândulas do organismo), ativando-a. Esta, por sua vez, envia hormônios estimulantes aos ovários, na mulher, e aos testículos, no homem, que iniciam então a produção e liberação dos óvulos e espermatozoides (os gametas que permitirão a reprodução), e também dos seus próprios hormônios. Essas substâncias, levadas pela corrente sanguínea a todas as partes do corpo, desencadeiam as transformações que caracterizam esse período.

Um dos primeiros eventos a se manifestarem é o crescimento em altura: o chamado “estirão da adolescência”. Ele aparece primeiro nas meninas – o seu crescimento máximo ocorre geralmente em torno dos 11 e 12 anos, e em torno dos 12 e 14 anos para os meninos (deixando claro: nem sempre, a idade pode variar muito). A criança, antes pequena, às vezes flácida e gordinha, cresce assustadoramente. Num processo paralelo, a musculatura se desenvolve com rapidez, enquanto o mesmo não acontece com o tecido gorduroso. Com



isso, o corpo torna-se menos flácido e mais musculoso. Nos homens, o crescimento muscular é mais intenso que nas mulheres, enquanto nestas se conservam alguns depósitos de gordura.

Os ossos crescem, se espessam, tornam-se mais robustos. Os ombros se alargam nos meninos, enquanto nas meninas é o quadril que se amplia mais, preparando-se para receber um futuro bebê.

Porém, o mais curioso, e talvez o mais dramático, é que esse crescimento não se dá por igual. Quem não teve (ou tem) uma certa sensação de desajeitamento, talvez lá pelos 13, 14 anos? Além de ser difícil lidar com o próprio corpo em mutação, o alongamento dos braços, das pernas, do pescoço aparece primeiro que o do tronco. Isso traz uma sensação estranha e desagradável, piorada pelo fato de que muitas vezes um lado do corpo cresce antes que o outro.

Todos esses efeitos cessam à medida que diminui a velocidade de crescimento e o corpo vai tendendo ao equilíbrio e à harmonia de formas.

Paralelamente ao crescimento, outros fenômenos vão surgindo, chamados “caracteres sexuais”. Alguns deles aparecem juntamente com o estirão em altura. Na menina, começa o desenvolvimento dos seios. No menino, crescem os testículos, que tinham praticamente o mesmo tamanho dos do bebê. Ele pode também experimentar um certo aumento dos mamilos, o que é perfeitamente normal e tende a regredir. Aliás



isso não tem nada a ver com a masturbação, como é da crença de muitos.

Logo em seguida começam a aparecer os pelos das regiões genital (pubianos) e axilar em ambos, e mais tarde em outras regiões do corpo. E enquanto na menina acontece a menarca (primeira menstruação), no menino aumenta o tamanho do pênis e começa a produção de espermatozoides.

Os primeiros ciclos menstruais podem acontecer a intervalos irregulares, que depois se estabilizam em torno de 28 a trinta dias. Esses primeiros ciclos são muitas vezes acompanhados por sintomas desagradáveis. Cólicas, nervosismo, inchaço, dor de cabeça, problemas de pele e até depressão são alguns desses fenômenos, que podem inclusive durar muito tempo. Eles dependem não só de fatores físicos, mas também de como a adolescente se relaciona com a própria menstruação.

Isso é determinado em grande parte pela ideia cultural sobre a menstruação do grupo social em que vive a adolescente. Só para dar alguns exemplos interessantes: entre os índios do norte da Califórnia, as moças menstruadas eram consideradas perigosas, pois podiam secar as fontes e espantar a caça. Para os índios apaches, a primeira menstruação era uma dívida sobrenatural, e o próprio sacerdote ajoelhava-se diante da jovem para que ela o abençoasse. Em Samoa, no Pacífico Sul, não se dá nenhuma bola para



a menstruação, não existe qualquer ritual ou tabu a ela relacionado. Já entre os caras-pálidas ocidentais, a menstruação ainda está rodeada de tabus e de crenças muito mais loucas do que essas aí. Para muita gente, muita mesmo, menstruação é castigo de Deus, doença ou coisa suja. Ou então é o sangue “podre” que tem de sair, pois, se não sair, vai para a cabeça e a pessoa enlouquece. Relações sexuais durante a menstruação são proibidas, pois no mínimo podem deixar o homem (pobre vítima) impotente. Adolescentes menstruadas são proibidas de chegar perto de leite, porque, é claro, ele azeda. E por aí vai.

Some-se a isso que muitas adolescentes chegam à idade da menarca sem sequer saber que ela existe, por quê, para que e o que significa. Afinal, na nossa tradição, corpo é igual a sexo, e sexo é sujo. É claro que diante de tudo isso, a adolescente pode se envergonhar, temer e até rejeitar um fenômeno biológico totalmente saudável e normal (e muitas vezes “somatizar” esses sentimentos sob a forma de sintomas). Mas se ela for bem informada e esclarecida a respeito da sua menstruação, aceitando-a como parte de um processo positivo de crescimento, ela pode aprender a transá-la melhor e se relacionar melhor consigo mesma.

(Neste livro não vamos entrar em detalhes sobre o funcionamento do aparelho genital; quem quiser



fazê-lo pode encontrar algum material nas indicações para leitura, no final do livro.)

Também no menino, alguns fenômenos podem despertar sensações desagradáveis. Acordar após uma ejaculação noturna, às vezes sem ter tido ao menos um sonho bom para compensar, pode ser um bocado estranho. Essa, porém, é apenas uma maneira que o organismo encontra para “aliviar a pressão” no sistema reprodutor. Também pode ser uma experiência um tanto desagradável voltar de ônibus da praia, só de calção, em pé, e ter uma inexplicável e incontrolável ereção em pleno coletivo, quando, é claro, todos os olhares lhe estarão sendo dirigidos.

Continuando nosso ciclo de mudanças (sem respeitar completamente a cronologia): na mulher, a vagina, o clitóris e a vulva se desenvolvem e se transformam. No homem, surge a barba, ou o projeto dela; a voz engrossa, no início insegura e cheia de falsetes. E, para completar o quadro, aí estão os dois, horas em frente ao espelho, espremendo os terríveis cravos e espinhas. E observando atentamente a sua nova imagem, meio sem saber o que fazer com ela.

É nessa época que a variação normal no tempo de surgimento das mudanças traz os maiores problemas para o adolescente. Especialmente para os meninos, entre os quais qualidades como altura, força e tamanho dos órgãos genitais têm grande importância para a sua autoconfiança e para a afirmação da sua masculinida-



de. Pode ser muito difícil para um menino de 13 ou 14 anos, que ainda não evidenciou seu desenvolvimento puberal (o que, como foi visto, é apenas uma variação da média), trocar de roupa no vestiário na frente de colegas já plenamente desenvolvidos. O mesmo pode acontecer para uma menina que ainda não iniciou suas transformações corporais.

Adolescentes de ambos os sexos podem ser marginalizados em atividades esportivas, pois ainda não atingiram o mesmo grau de desenvolvimento em altura e força muscular que seus colegas. Da mesma forma, podem ser excluídos de atividades que envolvam relacionamento com o sexo oposto, por não terem ainda o mesmo grau de maturidade sexual. Esses problemas são reforçados por atitudes de chacota dos adolescentes mais precocemente desenvolvidos, que frequentemente assumem posição de liderança nos grupos, ou até por adultos, como, por exemplo, um professor de educação física mal orientado. Se o jovem menos desenvolvido for exigido da mesma maneira, ele certamente vai se sentir fracassado.

Na grande maioria das vezes esses problemas são transitórios, pois com o tempo os adolescentes entram no seu processo acelerado de desenvolvimento e atingem as mesmas proporções e maturidade sexual que os seus companheiros (frequentemente os menos precoces ficam até mais altos). Porém, enquanto dura



essa fase, cria-se um sério problema para o adolescente. Muitas vezes ele se afasta do convívio grupal. O fato de ver seu corpo diferente dos outros pode gerar angústia e preocupação.

O adolescente é, em geral, muito sensível à sua imagem corporal. Problemas como obesidade, uso de óculos, acne, excesso de pelos, aumento passageiro dos mamilos (nos homens), seios muito grandes ou muito pequenos (nas mulheres) etc podem fazê-lo sentir-se desvalorizado e levá-lo à inibição e até à depressão. Nesses casos é preciso ajudá-lo e orientá-lo, mostrando também que a maioria desses problemas é transitória ou solucionável.

Uma nova cabeça

Um adolescente pensa muito diferente de uma criança. Essa diferença é uma consequência das transformações corporais, dos novos estímulos ambientais e também de uma mudança qualitativa na sua atividade cognitiva (pensamento, inteligência). Segundo Piaget, um estudioso do assunto, ela seria o surgimento da capacidade de “raciocinar sobre o raciocínio” – a representação de segunda ordem. Essa característica distingue dois tipos básicos de pensamento: as operações mentais concretas e as formais. As primeiras tomam como foco apenas a realidade concreta. As operações



formais têm como centro o raciocínio abstrato e surgem na adolescência.

A capacidade de engendrar possibilidades, formular hipóteses e pensar a respeito de símbolos sem base na realidade permite ao adolescente passar a especular, abstrair, analisar, criticar. Essa transformação na inteligência afeta todos os aspectos da sua vida, pois ele utiliza as novas capacidades para pensar a respeito de si mesmo e do mundo que o cerca.

Uma nova emoção

As primeiras sensações de excitação sexual são muito estranhas ao adolescente e é difícil lidar com elas. Além de sentir prazer, ao olhar ou tocar alguém, ele pode sentir medo, ansiedade e até culpa.

Para entender melhor a razão desses estranhos sentimentos, pode-se partir do ponto de vista da teoria psicanalítica do desenvolvimento da criança e do adolescente. De acordo com a psicanálise, os estágios de desenvolvimento psicológico são determinados geneticamente, isto é, são intrínsecos ao indivíduo e relativamente independentes das influências do meio sociocultural. Seriam, portanto, válidas universalmente, para qualquer indivíduo em qualquer cultura. O principal determinante do desenvolvimento é a *sexualidade*, que seria uma “função” muito ampla. Sua finalidade é



o prazer, por um lado, e a procriação, por outro. Ela incluiria toda atividade que busque o prazer ou a satisfação de uma necessidade do organismo.

Assim, a criança nos primeiros meses de vida consegue sensações agradáveis na estimulação da zona oral – sucção, satisfação da fome, mastigação etc. (fase oral). A criança entre dois e três anos obteria prazer em poder controlar partes de seu corpo; ela “retém” ou “liberta” as fezes (fase anal) e assim estaria exercendo também o controle da sua vontade e começando a tomar decisões. Mais tarde, começa a interessar-se pelo próprio corpo e a manipular os seus órgãos genitais (fase fálica). Neste período, a criança deseja manter um contato mais vivo com o genitor do sexo oposto. Ela perceberia, então, que faz parte de uma relação a três. O menino sente um amor intenso pela mãe; identifica-se com o pai, mas o desejo de ocupar o lugar dele junto à mãe faz com que sinta raiva, medo e culpa. Surge a fantasia assustadora de que o pai corte seu pênis – o tal do complexo de castração. A menina vive uma situação semelhante, na qual o homólogo do complexo de castração é a “inveja do pênis”.

Essa situação triangular entre pais e filhos, que geraria na criança sentimentos de amor e ódio, é o famoso conflito edipiano. Ele é considerado pela psicanálise um período fundamental na estruturação da personalidade e a base da identidade sexual do indivíduo.



Dos seis aos dez anos, a sexualidade estaria em parte reprimida e a energia deslocada para atividades e aprendizados intelectuais e sociais. É a chamada fase de latência. A universalidade de ideias como o “complexo” de Édipo e a fase de latência são muito questionáveis e já se demonstrou que elas não existem em determinadas sociedades.

Com a chegada da puberdade, todo o organismo é invadido pela força das transformações biológicas e tomado por impulsos sexuais (e também agressivos). Nesse novo período – a adolescência (fase genital) – reapareceria o conflito edipiano, só que agora muito mais perigoso. Agora o desejo incestuoso pelo pai ou pela mãe pode ser realizado, pois houve o surgimento da sexualidade genital. Se uma criança de cinco anos diz que quando crescer vai casar com a mamãe, isso é motivo de beijinhos e festa. Se um rapaz de 13 anos diz o mesmo, no mínimo é motivo para estranheza. E, no entanto, é agora que ele pode realmente casar com a mãe, e a menina ter filhos com o pai.

Acontece que, segundo a psicanálise, durante a fase de latência se organiza o superego, que representa os princípios da moral e a censura, agindo sobre o ego. Este, por sua vez, é a entidade psíquica que regula e controla os instintos – representados pelo *id* – e os articula com as exigências do superego e da realidade externa, funcionando como mediadora e executora de



ações. O superego, portanto, cria uma barreira ao incesto que reprime esses sentimentos “perigosos”.

Por outro lado, os impulsos sexuais necessitam de satisfação, e a mudança do objeto de desejo de dentro para fora da família seria difícil e dolorosa. Essa seria uma das origens para a ansiedade e a culpa que surgem com as primeiras sensações de excitação sexual. Para Freud, o criador da psicanálise, à medida que o adolescente superasse as fantasias incestuosas e transferisse o desejo sexual para fora do núcleo familiar, ele estaria ao mesmo tempo se desligando da autoridade dos pais. Essa necessidade de separação e o afastamento em si levariam à rejeição, ressentimento e hostilidade contra os pais e outras autoridades. Para diferenciar-se da família, o adolescente tenderia a escolher padrões de vida e ideais bem diferentes dos paternos. Essa seria a explicação freudiana para o “conflito de gerações”.

Anna Freud, filha de Sigmund Freud, dedicou grande parte dos seus estudos à adolescência, conceituando-a como um conflito de forças internas do indivíduo, sem participação do meio ambiente. Ela dizia que com a chegada da puberdade haveria uma grande intensificação dos impulsos instintivos do *id*, o que levaria a um desequilíbrio. Para lidar com isso, o ego do adolescente utilizaria mecanismos de defesa (usados para “excluir” da consciência impulsos que ele não pode



controlar). Um dos mecanismos mais importantes seria a “intelectualização”: o uso da reflexão e do interesse intelectual para encobrir e controlar a vida instintiva.

Assim, as preocupações do adolescente com problemas sociais ou políticos, por exemplo, seriam nada mais do que tentativas de transferir para o mundo externo conflitos incontroláveis da vida interior e não preocupações autênticas. Ela chegou a lamentar que exigências tão sérias como escolha da carreira, rendimento acadêmico e a responsabilidade econômica e social coincidissem com um período em que todas as energias estão absorvidas na resolução dos problemas do desenvolvimento sexual.

Por essa teoria, então, a adolescência é considerada basicamente um fenômeno bio-psicológico-sexual, no qual os aspectos culturais e sociais entram só para atrapalhar, como se fossem elementos estranhos. Os interesses e as motivações dos adolescentes seriam simplesmente um resultado da sublimação e repressão dos instintos sexuais. Parece claro que aqui existe algo questionável. Mas vamos deixar isso para depois.

Com o surgimento da sexualidade, o adolescente, em geral, procura a pessoa mais acessível para transar seus impulsos: ele mesmo. Com toda essa dificuldade em localizar uma outra pessoa como objeto de desejo, ele recorre à masturbação. Esta, aliás, não é apenas um canal de descarga de impulsos sexuais. Muito mais do que isso, é também um mecanismo



importante e saudável para o contato do adolescente com seu próprio corpo, com sua nova e desconhecida sexualidade, que o ajuda a controlar e integrar seus impulsos, e a preparar-se para relações sexuais ativas. Através da masturbação o adolescente pode se explorar, amadurecer no seu próprio ritmo, conhecer a sensação do orgasmo. Segundo alguns psicanalistas, ela poderia servir também para descarregar impulsos agressivos ou compensar frustrações ao proporcionar um prazer imediato.

A masturbação, portanto, é uma atividade essencial para o adolescente. Em nosso meio, no entanto, existe muita confusão em relação a esse tema, principalmente por influência de valores morais antigos, mas arraigados em nossa cultura. A maioria dos pais reprime a masturbação da criança pequena, que é normal e necessária, e isso é geralmente revivido pelo adolescente. É comum ouvirmos histórias de mães aterrorizadas por terem surpreendido seu filho se masturbando no banheiro (se fosse a filha, então, ela provavelmente não sobreviveria ao choque para contar). Existem crenças de que a masturbação leva à fraqueza, doenças e problemas mentais. Por tudo isso, a masturbação pode tornar-se ligada a sensações de angústia, culpa e medo, e ser encarada como coisa doentia ou proibida. Essa repressão e o preconceito são especialmente acentuados para as meninas; elas



se masturbam menos que os homens por razões basicamente culturais.

A evolução do jovem em direção ao estabelecimento de sua sexualidade madura e completa é um processo complexo, às vezes difícil, cheio de conflitos e crises, e também de momentos maravilhosos de paixão, descoberta e realização.

Os conceitos de sexualidade “normal” ou “boa” são muito discutíveis. A questão do homossexualismo, por exemplo. A grande maioria dos cientistas que a estudam (psiquiatras, psicólogos, sociólogos) e uma boa parte da sociedade em geral já não consideram o homossexualismo como um distúrbio e sim uma opção de vida. No entanto, um grande número de pessoas o encara como uma doença grave.

Acontece que é muito comum, sobretudo no início da adolescência, que o interesse sexual seja predominantemente homossexual. Meninos e meninas têm preferência por amigos do mesmo sexo e não é raro que aconteçam “jogos” sexuais entre eles. Isso não significa qualquer tendência ao homossexualismo mais tarde. Mas como o preconceito e o medo de que o seu filho vire “viado” ou “lésbica” é enorme entre os pais, esses comportamentos geralmente são reprimidos com violência. Assim, proíbe-se uma tendência natural do jovem e pode criar-se um estigma que o perseguirá por muito tempo.



Por mais que exista uma “liberação de costumes” hoje em dia, os valores morais vigentes em nossa sociedade ainda restringem bastante a atividade sexual do adolescente. Por outro lado, essa mesma sociedade tem estimulado cada vez mais a sexualidade, usando-a em todo tipo de propaganda, como veículo e objeto de consumo. Basta ligar a TV para perceber que sexo vende de tudo, desde roupas e sabonetes até espremedor de laranja. Assim, ele é reprimido como prática natural, boa, humana, e estimulado e propagandeado como instrumento comercial ou pornografia. O conceito de sexualidade que resulta dessa ideologia pode prejudicar todo o desenvolvimento afetivo do indivíduo.

Em meio a toda essa confusão, o adolescente se vê incentivado e até pressionado – pela televisão, publicidade, filmes, revistas pornográficas ou não, enfim, pela sociedade em geral – a uma atividade sexual deturpada, impregnada de preconceitos morais, de bloqueios afetivos, de um caráter comercial, competitivo ou exibicionista.

Por outro lado, por conta justamente desses preconceitos, ele é pouco ou nada esclarecido em relação à sexualidade e reprodução. A família ainda hoje na maioria das vezes, é omissa quanto a orientá-lo. A educação sexual nas escolas, quando existe, é tímida, superficial, e não se compromete. *Slides* mostram pênis



e vaginas, testículos e ovários, mas raramente aborda-se o lado prático e humano da questão.

Pode-se compreender então que não seja nada difícil encontrar adolescentes em plena atividade sexual sem saber o que e por que o estão fazendo, sem saber o que é um ciclo menstrual, sem poder sequer perceber o significado verdadeiro de um relacionamento sexual. E, o que é pior, ignorando completamente as possíveis consequências dele (uma gravidez, por exemplo) e os modos de evitá-las. Métodos anti-concepcionais completamente ineficazes são usados pelos adolescentes, na crença de que evitam a gravidez. O método da tabela (não ter relações nos dias próximos à ovulação), por exemplo, é especialmente inseguro para o adolescente, pois nessa fase da vida os ciclos menstruais são irregulares, e a ovulação pode ocorrer antes ou depois do previsto. Além disso, para muitos adolescentes, o dia que pode não é o da tabelinha, mas o dia em que os pais não estão em casa. Outros métodos usados são totalmente inúteis, como lavar-se bem após a relação, tomar uma pílula no “dia seguinte” ou introduzi-la na vagina. Tudo isso por pura e simples falta de orientação.

O que resulta dessa situação é uma grave ameaça para o adolescente e um problema de saúde pública em nosso país: a gravidez na adolescência. Uma menina de 13 ou 15 anos na grande maioria das vezes não tem condições físicas e emocionais



de segurar a barra de uma gravidez. O problema é mais pesado ainda para a jovem de baixa renda, que também não tem condições econômicas adequadas, e muitas vezes mal consegue se alimentar e se vestir. A saída geralmente é o aborto. No Brasil ele é ilegal, e no entanto estima-se que se praticam aqui 3 milhões de abortos por ano, muitos deles em adolescentes, de até 11 anos de idade. É bom lembrar também que o aborto implica um sério risco de morte, especialmente para adolescentes de baixa renda. Ele é praticado geralmente por “curiosas” ou em clínicas clandestinas sem qualquer condição técnica ou higiênica, e muitas vezes acaba levando a consequências trágicas, como histerectomias (retirada do útero por cirurgia) e mortes.

Muitos dos aspectos que envolvem o início da sexualidade adulta estão marcados por preconceitos e estigmas culturais. Mas eles são sempre mais rígidos em relação à mulher e vêm muitas vezes associados a ideias e valores machistas. A adolescente sofre uma repressão bem mais intensa, especialmente (mas não exclusivamente) nas classes sociais menos privilegiadas, nas quais esses preconceitos são mais arraigados. Alguns tipos de comportamento permitidos e até encorajados para os homens são terminantemente proibidos para as mulheres, que acabam sendo educadas a assumir um papel submisso.



Por outro lado, muitos progressos vêm acontecendo. A “iniciação sexual” do menino com prostitutas (geralmente por obra do pai, ansioso em afirmar sua masculinidade por intermédio do filho) é cada vez menos frequente. Conceitos como virgindade e algumas ideias machistas vão caindo progressivamente em desuso. A educação sexual vem sendo mais debatida, profissionais de saúde e pedagogos estudam e se especializam na questão da sexualidade e na orientação do adolescente. As discussões em torno do tema tornam-se mais abertas e são aprofundadas. Cada vez mais o adolescente se liberta da velha prisão da equação que iguala corpo e sexo, e de papéis sexuais marcados e definidos por normas e limites rígidos. Cada vez mais adolescentes se encontram em relacionamentos amorosos livres e sadios, nos quais o sexo é parte inseparável, natural e positiva.

Matar, morrer, renascer

Muito se fala por aí em “depressão normal” da adolescência. Tudo bem, mas não vamos generalizar. Tem muito adolescente agitando por aí sem nunca ficar deprimido. Aliás, em relação à adolescência, é costume se falar de diversos temas de maneira mistificante. Chavões do tipo “adolescente deprimido”, “rebelde”, “toxicômano”, “agressivo” são muito generalizantes e não podem ser de forma alguma tomados



como regra. Os adolescentes têm muito em comum, mas cada um tem também um comportamento próprio, determinado pelo meio em que vive e pelas suas experiências interiores.

Mas, continuando, muito se fala por aí que o adolescente tende à depressão, e alterna esse estado de humor com outro que se caracteriza por agressividade e intolerância. Ambos seriam importantes; a agressividade facilitaria o uso de recursos internos, seria a expressão do ímpeto para a vida e a criação. A depressão seria importante como um período de recolhimento, de reflexão sobre as vivências interiores.

Uma das explicações psicanalíticas para a depressão seriam os “lutos” do adolescente: reações a uma série de “perdas” que ele sofreria durante o seu desenvolvimento. Eles seriam, basicamente:

- 1) o luto pelo papel e identidade infantil: a perda dos privilégios da criança, o temor das responsabilidades do adulto;
- 2) o luto pelo corpo infantil perdido, que já era um “velho conhecido”: o jovem sentir-se-ia impotente diante das transformações incontroláveis que sofre;
- 3) o luto pelos pais da infância – seria talvez o mais importante. A criança é muito identificada com seus pais, e conta com a proteção e o apoio deles em todos os



momentos. Sua autonomia está na dependência direta da permissividade dos pais.

Porém, à medida que cresce, a criança precisa afirmar seu ego e criar sua própria identidade, diferenciar-se de seus pais. Para isso, precisa afastar-se, divergir deles. Esse processo é conhecido como polarização. A polarização é o desvio do interesse sexual para fora da família, de que já falamos, e se soma ao fato de que o adolescente agora pode olhar seus pais com uma visão mais crítica, analisar seus conceitos, seu modo de vida. Assim, o adolescente entraria num processo de agressão e desvalorização dos seus pais.

Os pais da infância eram perfeitos, idealizados. De repente o jovem entra em contato com seus erros, suas fraquezas, seus problemas e tem grande dificuldade em aceitá-los. A perda é enorme: “se eles não sabem nada, como podem me ensinar algo? Se eles não são legais, como podem me proteger?”. Discorda das ideias dos pais, e isso lhe traz remorso e culpa; oscila entre o desejo de independência e autonomia, e a necessidade de “colo” e proteção, e isso o confunde e angustia. Ele precisaria dos pais tanto para contestá-los, quanto para sentir-se seguro enquanto conquista sua independência.

Essa ambiguidade confunde os pais. Eles estão sendo severamente criticados e ao mesmo tempo exigidos como provedores de segurança e proteção. Pode não ser nada fácil ser pai de adolescentes. É um período



de muitos “lutos” também: seu filhinho querido mudou. Já não é mais a criança frágil, doce e carente, mas quase um adulto, contestando sua visão de mundo e seus valores, pondo à prova sua autoridade, desafiando-o constantemente. Ele já não tem mais o mesmo controle sobre seus filhos, percebe que estão adquirindo sua independência e que ele não é mais necessário. Por outro lado, se vê obrigado a sustentá-los e protegê-los, e é legalmente responsável por eles.

Com as críticas, os pais podem sentir-se velhos e ultrapassados. Velhos conflitos esquecidos ressurgem. Sentem inveja dos filhos. Afinal, eles estão começando a vida, têm todas as opções possíveis, não têm responsabilidades. São mais saudáveis e bonitos, e podem fazer tudo aquilo que os pais deixaram de fazer.

A capacidade de abertura e reflexão desses pais, a maneira com que eles lidam com seus próprios conflitos, e a compreensão que tiverem com relação aos conflitos dos filhos é que vão determinar a sua reação perante o adolescente. O uso da violência, da repressão e do autoritarismo, e por outro lado, a falta total de limites e a satisfação de todos os desejos e caprichos podem criar sérias dificuldades ao desenvolvimento da personalidade do adolescente. No entanto, se houver uma atitude equilibrada e sobretudo compreensiva por parte dos pais, e também dos filhos, pode surgir entre eles um novo relacionamento, respeitoso e amigoso.



Segundo algumas teorias, a rebeldia do jovem para com a sociedade seria resultado da simples transferência do conflito com os pais, já que a sociedade, em última instância, representaria o papel controlador exercido por eles. Parece haver aqui, como veremos mais tarde, uma certa subestimação da importância do meio social no conflito adolescente.

A crise de identidade

Um importante psicanalista, Erik Erikson, considerava que a principal “tarefa” do adolescente seria a aquisição da identidade do ego. Aliás, é de suas teorias que surge a famosa expressão “crise de identidade”. O jovem cumpriria essa tarefa por meio de vários processos, sendo os mais importantes as identificações. Com o repúdio de umas e a absorção de outras, gradualmente se cristalizaria a identidade adulta.

Para obtê-la, o jovem precisaria de um “tempo” – um período de experiências e adiamento de compromissos. No caso de esse tempo ser mal aproveitado, surgiria a “confusão de identidade”, gerando angústia, passividade, dificuldades de relacionamento. Outro risco seria a aquisição de uma identidade negativa, baseada em identificações ruins, mas apresentadas durante a vida do jovem como as mais reais.





A chamada “crise de identidade”, que acarreta angústia, passividade e dificuldades de relacionamento, surge a partir de conflitos de valores e identificações dos adolescentes.



O apaixonar-se, tão frequente na adolescência, seria para Erikson de natureza menos sexual do que em idades posteriores. Seria antes uma tentativa de projetar e testar o próprio ego por meio de outra pessoa, identificando-se com ela e clareando sua própria identidade.

Associada à noção de identidade estaria a de ideologia, que expressa as ideias do grupo social. Ela funcionaria positivamente, confirmando a identidade do indivíduo, reconhecendo-o como parte integrante da sociedade. Assim, a aquisição de uma ideologia permitiria ao jovem resolver os seus principais conflitos, fugir da “confusão de valores”, e lhe daria acesso à vida social.

Erikson afirmava que os sistemas totalitários exercem atração sobre o jovem, pois fornecem identidades convincentes e rígidas, e, portanto, facilmente assimiláveis. A identidade democrática seria menos atraente, pois envolve a liberdade de escolha, em vez de fornecer uma identidade imediata.

A busca do eu no outro

Em meio a essa crise de identidade, o jovem vai partir em busca de novas identificações, novos padrões de comportamento, sempre que possível bem diferentes dos que seus pais representam. Daí, a identificação com todo tipo de modelos, desde o Menudo até Gandhi, passando por filósofos, cientistas, políticos, atletas,



artistas etc. Há muito de tentativa e erro nesse processo, e é interessante que nessa busca de fortalecimento de sua personalidade haja momentos de tanta identificação que o adolescente praticamente perca sua própria identidade.

Nesse momento há também uma enorme necessidade de pertencer a um grupo. O jovem encontra-se a meio caminho entre infância e adolescência, enfrentando a toda hora afirmações do tipo “você é grande demais pra isso”, ou “você é pequeno demais para aquilo”. Fica meio marginalizado tanto do mundo adulto como do mundo infantil. O grupo, então, ajuda o indivíduo a encontrar a própria identidade num contexto social. No grupo existe uma certa uniformidade de comportamento, de pensamento, de hábitos. Nessa época em que a autoimagem se modifica radicalmente, o adolescente procura conforto em sua roda de companheiros, padronizando suas ideias, suas atitudes. Um serve de modelo para o outro. Sofrem de angústias semelhantes, e o grupo funciona como protetor perante elas (uma espécie de substituto dos pais, segundo a psicanálise). Curtem as mesmas experiências e descobertas, e as vivenciam juntos.

Uma nova viagem

A adolescência é uma fase de novas sensações e experiências antes completamente desconhecidas. E é



geralmente nessa fase que se tem o primeiro contato com uma “terrível ameaça”: a droga. O terror dos pais, a destruidora de corpos e mentes, lares e carreiras. Ora, há pouco falávamos em mitos da adolescência. Esse talvez seja um dos piores. Vejamos por quê.

Podemos classificar as drogas psicoativas em quatro grandes grupos. O primeiro é o dos depressores do sistema nervoso: o álcool é o mais usado entre eles, competindo com os tranquilizantes e remédios para dormir, consumidos em massa pela população, na tentativa de sobreviver à tensão do dia a dia. Esses remédios são os mais vendidos no mundo e dão lucros enormes à indústria farmacêutica. O segundo grupo é o da morfina e derivados, como a heroína (menos disponíveis no Brasil). Ao terceiro grupo pertencem os excitantes do sistema nervoso: a cocaína e as anfetaminas (bolinhas, remédios para emagrecer). No quarto grupo se incluem os alucinógenos: LSD, derivados de cogumelos e, afinal, a conhecidíssima maconha – alucinógena somente em altas doses.

As drogas psicoativas podem levar a dois tipos de dependência: psicológica e física. A primeira está mais relacionada ao indivíduo; uma pessoa pode “depender” de qualquer coisa, até de refrigerantes e televisão. Já a dependência física é grave e relaciona-se com o uso da droga. Se a pessoa deixa de consumi-la, ocorre a “síndrome de abstinência”: uma série de dis-



túrbios que vão desde um leve mal-estar até a loucura e a morte.

Interessante notar que as drogas que levam comprovadamente à dependência física são as dos dois primeiros grupos, sendo que álcool e tranquilizantes são de uso geral e grande consumo. Quanto à cocaína, não é comprovado que leve à dependência física, mas induz frequentemente dependência psicológica severa, e seu uso repetido causa muitos prejuízos ao organismo. Por isso é considerada uma droga pesada.

O primeiro contato do adolescente com as drogas geralmente se faz através do álcool. Apesar de “proibido para menores”, ele é socialmente aceito; existe uma certa permissividade em relação ao seu consumo.

O mesmo não acontece com a maconha, quase sempre a segunda alternativa. Por motivos vários, envolvendo fatores históricos, culturais e econômicos, ela é proibida na maioria dos países, o nosso entre eles. Sabe-se, no entanto, que uma grande parte da população adolescente já experimentou a maconha.

Efeitos prejudiciais importantes ainda não foram comprovados. Acredita-se que eles possam existir quando se usa grande quantidade com muita frequência. Esse já não é o caso do álcool. Consequências danosas do seu uso excessivo são conhecidíssimas. O alcoolismo é uma das mais graves e frequentes doenças da nossa sociedade. O mesmo se pode dizer do cigarro,



causador de inúmeras doenças fatais ou incapacitantes. Gastam-se fortunas para tratar pessoas doentes pelo uso de cigarro ou de álcool, e fortunas equivalentes na propaganda de ambos.

Enquanto isso, um adolescente pego com um pouco de maconha no bolso pode ser preso e, às vezes, até chantageado ou espancado. Talvez porque ela ainda não dá lucro ao sistema. A marginalização do usuário de maconha é o principal motivo dessa falsa ideia de que ela induza o indivíduo à criminalidade ou à violência. Em alguns lugares do mundo, o uso da maconha está descriminalizado, sem que isso implique qualquer redução na punição e no combate ao tráfico de drogas.

Um mito frequente em relação ao uso de drogas pelo adolescente é o de que quem usa maconha é um toxicômano, um viciado. Não há dúvida de que o vício em qualquer droga é uma ameaça à integridade do indivíduo. Mas ora, nem todo mundo que bebe vodca ou cerveja é alcoólatra. A maioria das pessoas faz isso “de vez em quando”. O mesmo acontece em relação à maconha: a grande maioria dos adolescentes que a usam são os “usuários recreacionais”, isto é, não são viciados, não a consomem de forma compulsiva e sistemática. É engraçado que haja tanta preocupação com o uso da maconha, mas não tanto



com o do álcool. O alcoolismo é um problema sério também entre adolescentes.

O problema da causalidade do vício em drogas é muito controverso. Não nos cabe discuti-lo aqui. É evidente que a dependência de qualquer droga é um problema grave. Mas também é evidente que entre o uso eventual e o vício vai uma grande distância.

Um segundo mito que vale a pena ser colocado é o de que a maconha seria uma porta de entrada para outras drogas mais pesadas. Não é bem assim. Estatísticas demonstram que a grande maioria dos usuários de maconha não vai além dela. Se aquela afirmação fosse verdadeira, teríamos aí um enorme número de adolescentes usando ácido, cocaína ou heroína. Não há dúvida de que essas drogas são bem mais perigosas e que o risco de induzirem ao vício é maior. O envolvimento com elas muitas vezes termina em consequências trágicas. Mas a maconha não induz ao seu uso. O que acontece é que alguns indivíduos, com certas características e em determinadas circunstâncias, podem passar para essas drogas a partir da maconha, pois ela é a mais acessível e portanto a primeira a ser usada. Logo, a relação é temporal, e não causal; e válida apenas para algumas pessoas. Essas pessoas, que acabam se tornando dependentes, têm geralmente problemas e precisam de ajuda não só para resolver o vício em drogas, mas para resolver o que as levou a essa condição.



A ameaça do futuro

Na nossa cultura, a ocupação é uma das maiores expressões de *status* e da importância do indivíduo na sociedade. E o adolescente, apesar de suas preocupações com corpo, identidade, conflitos sexuais e familiares e outros envolvimento importantes, geralmente demonstra que a escolha da profissão é um assunto prioritário para ele.

Vários fatores influenciam na escolha da futura profissão: saúde, tendências e habilidades inatas, educação, estrutura e tradição familiar, ocupação e abertura dos pais, grupo cultural e especialmente a classe socioeconômica à qual pertence o indivíduo. As opções que se oferecem a um jovem de bom nível de renda são muito diferentes das possibilidades de um menino de 12 anos, analfabeto, que precisa sustentar a família de sete irmãos num barraco de um cômodo.

Vejam a situação de um adolescente de nível médio. A educação tradicional em nosso meio, da forma que ainda hoje está estruturada, dá muito pouca importância a ensinar alguma coisa sobre a vida prática, sobre a realidade que o jovem encontra quando sai pelo portão da escola. As preocupações mais visíveis são as de empurrar dados, nomes e técnicas pela goela dos alunos, sem sequer lhes explicar qual a sua utilidade; e, suprema finalidade, levar o aluno até as portas



do vestibular o mais bem preparado possível, deixando claro que esta é a única alternativa.

Nesse momento da sua vida, talvez aí pelos 15 ou 16 anos, o adolescente geralmente ainda desconhece a si mesmo e suas aptidões, desconhece o significado e a realidade de cada profissão, desconhece o mercado de trabalho. E é exatamente nesse momento que ele se vê pressionado pela família, pela escola e pela sociedade a decidir a profissão que teoricamente deverá exercer pelo resto de sua vida. Ora, a decisão muitas vezes será tomada sem qualquer reflexão (até porque não há bases para refletir), em meio à angústia e à tensão, facilitando também a interferência externa (da família, especialmente).

É claro que uma decisão nessas condições fatalmente gerará erros, às vezes bastante graves. E o erro leva à frustração, e o que é pior: à culpa. Como se ele fosse o culpado.

Em relação às classes mais desfavorecidas, é importante perceber que a escola, como instituição fundamental da sociedade, não faz mais que reproduzir a posição social dos indivíduos. A história da mobilidade social – o filho de operários que chega a industrial ou senador – é uma linda ilusão, muito bem produzida, aliás. Pesquisas demonstram que filhos de operários serão quase sempre operários e, filhos de burgueses e patrões quase sempre burgueses e patrões.



Só que é muito bom para a sociedade vender a tal história da mobilidade. Nada melhor que as pessoas acreditem nisso para que as coisas fiquem exatamente como estão. E não enxerguem, por exemplo, o índice de evasão em nossas escolas. Ou não percebiam que quem passa no vestibular é quem pode pagar um bom colégio e não precisa trabalhar de dia e estudar à noite.

É muito importante notar também que as opções não se fixam no vestibular. O adolescente, na verdade, não *precisa* fazer o vestibular ou, pelo menos, não *precisa* fazê-lo num determinado momento. Não é obrigado a ter uma profissão só pelo resto da vida, nem é indispensável que ele seja médico, analista de sistemas, engenheiro ou coisa do gênero. O adolescente não é obrigado a “entrar no esquema” segundo o que a sociedade exige dele.

Da mesma forma, os adolescentes pobres e marginalizados precisam ter o direito de escolher. A sociedade lhes deve coisas tão essenciais, como saúde, educação, igualdade. No entanto lhes é cobrado bom comportamento e são punidos por delinquência. Talvez delinquente seja um país ou um sistema social que ainda não aprendeu a dar condições mínimas de vida a suas crianças e adolescentes.





RADIOGRAFIA DE UMA VISÃO: O LADO AVESSO

Algumas das teorias que vimos rapidamente no capítulo anterior têm uma importância fundamental para o adolescente: elas estão entre as formulações básicas que criam a ótica através da qual a nossa sociedade vê, compreende e se relaciona com o adolescente.

Que consequências pode ter, por exemplo, a afirmação (de Anna Freud), habitualmente aceita, de que as motivações, os interesses e o comportamento do adolescente são meramente frutos de conflitos interiores e de repressão de explosivos instintos sexuais? É óbvio que quem acredita nisso tende a desvalorizar as opiniões e atitudes dos jovens. Rebeldia? Inconformismo? Clamor por mudanças? Ora, meu caro, apenas uma questão de complexo de Édipo mal resolvido.



Não são poucos os que pensam assim. Sem dúvida é uma bela maneira de se defender da ameaça que o adolescente representa. O pior é que essa ideia acaba se tornando generalizada, incorpora-se à ideologia e chega ao jovem como verdade “natural”. E ele tenderá então a desqualificar sua própria emoção e seu pensamento.

Muitos dos profissionais de saúde que lidam com adolescentes, de acordo com pesquisas realizadas entre eles, ainda carregam fortemente a tese de que a adolescência é um período de tensão e conflito e que o esperado nessa idade é um comportamento “anormal”. A diferença entre transtornos “próprios” da adolescência e sintomas de doenças mentais é considerada sutil. A ausência de crise significaria problemas graves, escondidos por uma camada de repressão.

Essa ideia, no entanto, parece ser contrariada por investigações recentes. Elas demonstram que a “crise da adolescência” é muito variável. Existem diversas formas de experimentar a adolescência, e, como já foi dito antes, é possível atravessá-la sem qualquer conflito.

As teorias de Erikson sobre a influência da ideologia na formação da identidade do adolescente também merecem uma revisão crítica, pela sua importância e seu alcance social.

A ideia central é de que a identidade do jovem estaria basicamente ligada à sua capacidade de trans-



formar os valores dominantes em valores próprios. A ideologia teria um papel positivo, facilitando a construção da identidade. A sociedade é um bloco que funciona em harmonia, apenas com alguns grupos mais bem adaptados e outros menos. A ideologia indica “modos de vida que valem a pena ser vividos”, e o jovem precisa assimilá-la para construir sua identidade, ser reconhecido e conquistar seu lugar no meio social.

Existem, porém, outras formas de encarar esse processo. Não é preciso ir muito longe para perceber a sociedade como uma estrutura composta de classes em conflito, recheada de contradições.

A ideologia também pode ser vista de outro ângulo. Ela é criada por meio de combinações e transformações de valores, do estabelecimento de normas e padrões culturais. Cria-se uma visão de mundo, um conjunto de ideias que orienta a ação do indivíduo e passa a fazer parte da sua própria personalidade.

Acontece que nem os indivíduos nem o sistema social estão isentos de contradições. As classes que compõem este último vivem em conflito. De acordo com Marilena Chaui, em *O que é ideologia*, uma classe em ascensão precisa de todo o apoio possível contra a classe dominante. Para isso, precisa fazer com que seus interesses pareçam ser os de toda a sociedade, e tenta conferir universalidade aos seus princípios – isto é, faz com que pareçam justos e verdadeiros para o maior número de pessoas possível.



No início do processo, a classe em ascensão representa um interesse coletivo, o de todas as classes dominadas. Mas quando ela chega ao poder, seus interesses passam a ser particulares. No entanto, eles precisam ser mantidos como universais para legitimar a dominação.

Assim, a ideologia é o processo pelo qual as ideias da classe dominante se tornam universalizadas, para que o domínio se faça tanto no plano material (econômico, social, político) quanto no plano das ideias. A produção e a distribuição dessas ideias ficam sob o controle da classe no poder, que usa as instituições sociais (família, escola, meios de comunicação etc.) para propagá-las e enraizá-las cada vez mais.

Bem: à medida que essas estruturas ideológicas evoluem e são maciçamente disseminadas, elas vão sendo aceitas como lógicas, como verdades naturais, imprescindíveis, sem as quais não é possível que o mundo funcione. Tudo que discorda ou difere desta “verdade”, a partir daí tende a ser desvalorizado e combatido pelo sistema, que busca por todos os meios a sua preservação.

Podemos então rever o conceito de ideologia colocado no início do capítulo: em vez de formular “modos de vida que valem a pena ser vividos”, a ideologia formula um único modo de vida socialmente possível, estabelecido pelo poder dominante.



A ideologia vai se distanciando cada vez mais do indivíduo e passa a ser uma força invisível, fora do seu controle. Ele passa a ver seu próprio universo de acordo com esses padrões, sentindo isso como uma coisa natural. Assim surge a alienação – os homens passam a atribuir sua vida e suas relações a forças superiores, incompreensíveis e fora do seu alcance.

Mas esse não é um fato irreversível. Através da criatividade, da conscientização, da reflexão, do questionamento crítico, o indivíduo pode passar desta posição de objeto submisso, acomodado e manipulado para a de sujeito ativo, que reinterpreta o universo em que vive, que passa de simples consumidor a criador.

Isso só pode acontecer porque existem as contradições, que exigem uma constante busca de resolução, de síntese. E as contradições nem sempre se resolvem dentro dos limites das ideologias vigentes. Quando as rupturas e os conflitos são profundos, precisa haver revisão e renovação das estruturas ideológicas.

Imagine, por exemplo, um jovem nos anos 1960, bem-comportado, agindo de acordo com as normas vigentes. De repente ele começa a entrar em contato com as ideias que surgem na época. E começa a “desviar” – deixa crescer o cabelo, começa a ouvir Beatles, a contestar valores morais, a exigir liberdade sexual, de escolha, de opinião, a exigir justiça, paz, a adotar novas formas de viver... em suma, ele vai participando de movimentos que surgem em função das contradições so-



ciais da época e que, a princípio, provocam a reação do sistema, que, ameaçado, tenta reprimi-los. Mas que, com o passar do tempo, ganham força e trazem novos conceitos e comportamentos que vão transformando a sociedade e a ideologia.

Dessa maneira, homem e sociedade se renovam e evoluem. O conflito e a ruptura são necessários para se transformar uma ideologia. Se em vez disso valorizarmos a ideologia apenas como algo positivo, a ser passivamente adquirido para que o jovem construa sua identidade e seja aceito na sociedade, estaremos fechando as portas para o caminho da transformação e da renovação.

As instituições sociais têm como objetivo maior a manutenção do sistema ideológico do qual fazem parte. Geralmente se esforçam para mostrar toda a grandiosidade do mundo adulto, que conhecimentos adquirir e de que modo se comportar para entrar nesse mundo da melhor maneira possível. Forçam o jovem a “conquistar” a ideologia dominante, para que ele possa se integrar no sistema, reproduzindo os padrões de vida vigentes.

No entanto, é possível perceber que este não é o único caminho que o adolescente pode trilhar. Esta é apenas uma das alternativas.

Mais uma vez, é uma questão de escolha.





ADOLESCÊNCIA: QUANDO, COMO E ONDE

Para tentar compreender o adolescente, tanto no seu desenvolvimento pessoal quanto na sua relação com o mundo, é preciso olhar para ele desde uma perspectiva a mais ampla possível, que inclua não só as transformações biológicas e psicológicas, de importância fundamental, mas também o contexto socioeconômico, cultural e histórico no qual ele está inserido.

Uma visão histórica

O fenômeno da puberdade provavelmente nos acompanha desde os primórdios do ser humano. Já não se pode dizer o mesmo do fenômeno da adolescência, nem da importância que a sociedade lhe dá. O conceito da adolescência, como ele é hoje conside-



rado, é bastante recente. Até o século XVIII, a adolescência foi confundida com a infância. Nas escolas jesuítas, garotos de 13 a 15 anos eram chamados indistintamente de crianças ou adolescentes. A noção do limite da infância estava mais ligado à dependência do indivíduo do que à puberdade.

Com a ascensão da burguesia como classe dominante, houve mudanças na estrutura escolar, surgindo a formação primária e a secundária. Assim, se estabeleceu gradativamente uma relação entre idade e classe escolar, e a adolescência passou a ser mais bem distinguida.

Da mesma forma, a importância enorme que se dá à adolescência hoje em dia surgiu em um passado bem recente. Até há poucos anos, ser jovem era uma coisa a ser vivida apressadamente em direção ao ser adulto, como podem testemunhar nossos pais e avós. A adolescência era uma pedra no caminho da entrada no sistema social.

Especialmente após a Segunda Guerra Mundial, a juventude passou gradativamente a ser foco de atenção. A contracultura, nos anos 1960, acentuou muito essa tendência. Hoje em dia, ser jovem é algo a ser preservado e até prolongado o máximo possível. Os adolescentes são exaltados por todas as instituições sociais: partidos políticos, escolas, Igrejas, meios de comunicação.

Acima de tudo, a juventude transformou-se num excelente e gigantesco mercado de consumo para inú-



meros produtos, alguns dos quais criados especialmente ou com a sua publicidade voltada com exclusividade para adolescentes. O mundo adulto manipula a juventude por intermédio dos poderosos meios de comunicação, criando ídolos e mitos, alienando-a, dirigindo-a para pensar e se comportar de acordo com seus próprios interesses.

Uma visão social

Não é preciso fazer muito esforço para notar que a diferença na posição social do indivíduo, num mesmo momento histórico, influencia de modo muito importante a estruturação de sua adolescência. Adolescentes de classes sociais diversas, numa mesma cidade, apresentam padrões de comportamento bastante diferentes.

As desigualdades e a injustiça social se refletem profundamente na adolescência. O jovem de classe mais pobre já chega à adolescência com grandes desvantagens: atravessa-a com muita dificuldade, frequentemente sem poder nem sequer pensar em conflitos familiares, sexuais ou mudanças no corpo, pois têm necessidades básicas mais prementes a serem resolvidas, como conseguir roupa e comida; e suas perspectivas e opções para o futuro são muito limitadas. É bom lembrar que no Brasil a grande maioria dos adolescentes encontra-se nessa situação.



Uma visão cultural

Tudo o que foi dito até agora neste livro se refere ao nosso sistema cultural, isto é, a “civilização ocidental”. Existem, porém, no mundo em que vivemos, outras culturas, outras civilizações, nas quais o desenvolvimento e o comportamento do jovem são completamente diferentes de tudo que conhecemos. É muito interessante sacar um pouco esses “outros” adolescentes para perceber que nosso padrão de vida e de educação não é único, nem universal.

Os conhecimentos que temos sobre estas outras culturas devem-se à antropologia cultural, e em relação ao jovem, especialmente a duas cientistas: Margaret Mead e Ruth Benedict. De acordo com seus trabalhos, o ser humano evolui de um estágio de total dependência (o recém-nascido) para um de relativa independência: como adulto, ele deve prover e proteger seus filhos.

No entanto, o padrão pelo qual essa independência é adquirida varia muito de uma cultura para outra. Na nossa, por exemplo, a diferença entre criança e adulto é profundamente acentuada e reforçada por instituições sociais e legais. Existe uma *descontinuidade* entre os dois papéis, e isso cria conflitos para o adolescente, que está a meio caminho.

Já na sociedade de Samoa, no Pacífico Sul, estudada por Margaret Mead, não acontece assim. A



transição entre os papéis se dá de modo gradual, e o processo de crescimento é lento e contínuo. Quando a criança se torna adulta, as exigências que recaem sobre ela não são abruptamente aumentadas: elas são uma continuação do que lhe era exigido anteriormente.

Vejamos então algumas diferenças entre a cultura ocidental e a samoana, especialmente no que se refere à criança e ao adolescente:

1) A questão do papel responsável *versus* não responsável. Teoricamente, na nossa cultura, as crianças não dão qualquer contribuição social no sentido do trabalho, e são até proibidas por lei de fazê-lo. O ideal em nossa sociedade é que a criança não trabalhe. É claro que para as classes pobres isso não se aplica, pois muitas vezes crianças de 12 anos são até arrimos de família. Especialmente nas áreas urbanas, a mudança para o trabalho e para o *status* responsável ocorre repentinamente, gerando conflitos para os adolescentes.

Em Samoa, meninas de até seis anos são responsáveis pelo cuidado e disciplina de irmãos mais novos. Meninos desde cedo aprendem a pescar nos recifes e remar canoas, enquanto as meninas, depois de dispensadas da função de babá, trabalham nas plantações. Nenhuma mudança básica ocorre na adolescência: o grau de responsabilidade aumenta (assim como a quantidade e qualidade do trabalho) à medida que a criança se torna mais forte e madura.



2) Dominação *versus* submissão. Em nossa cultura, a criança deve sair da submissão infantil e adotar a atitude oposta de domínio na fase adulta. Essa transição se dá geralmente na adolescência, sem que haja qualquer preparo para isto. Com frequência o adolescente sai diretamente da casa de seus pais para formar sua própria família. Em Samoa, existe um condicionamento contínuo em relação a esses dois papéis. Uma criança de seis ou sete anos é ao mesmo tempo babá de seus irmãos mais novos e submissa aos mais velhos. Quanto mais velha fica, mais crianças domina e menos é dominada.

3) O contraste entre os papéis sexuais. Em nossa sociedade, existe uma grande restrição à expressão sexual da criança. Ela é tratada como assexuada, em contraste com os adultos. É vedado à criança o acesso a informações sobre o ciclo vital de homens e mulheres. Ainda hoje, o sexo é considerado uma coisa suja e feia para a criança, e as experiências eróticas da infância são reprimidas. Bonito é a virgindade até o casamento.

É o adolescente quem se defronta de repente com o papel sexual maduro e com todas as contradições entre permissão (e até estímulo, e repressão que a sociedade lhe impõe em relação à atividade sexual, e não é de se espantar que toda essa confusão o perturbe um bocado.

Já em Samoa, a criança tem oportunidades de assistir a um parto ou uma morte perto de casa e muitas



já tiveram vislumbres de relações sexuais. A vida sexual não é reprimida, mas considerada natural e agradável. A criança não é basicamente diferente do adulto. Homossexualidade, promiscuidade e atividades sexuais na criança, que em nossa sociedade são considerados pecados terríveis, gerando conflitos e neuroses, são tidos como simples jogos, sem qualquer estigma moral. A maioria das experiências segue um curso contínuo gradual, sem interrupções graves. A masturbação é vista com indulgência pelos pais. Adolescentes pós-puberais dão vazão a todos os seus interesses em aventuras sexuais “clandestinas”, mas vistas com permissividade. Não existe impotência psicológica nem desajuste sexual no casamento.

Em Samoa o adolescente parece não enfrentar conflitos morais, ideológicos, psicológicos. Não existe lá o que chamamos de crise da adolescência. Assim, a comparação com outra sociedade demonstra que os problemas dos adolescentes podem ser resolvidos de diversas maneiras, ou podem até mesmo não existir. Se isso é positivo ou negativo, é difícil dizer. Não vale a pena julgar o assunto – é uma atitude que implicaria o uso de valores culturais.

Mas um fato que permanece claro é que, na maioria das sociedades, a adolescência é um período de reexame, de reorientação. Um outro autor, Friedenberg, acredita que a adolescência é um período de autodefinição. Para isso, o jovem precisa diferenciar-



-se não só dos pais, mas também da cultura na qual cresceu, e só pode fazê-lo isolando-se dela e quebrando os elos da dependência. “O conflito adolescente é o instrumento pelo qual o indivíduo aprende a diferença complexa, sutil e preciosa entre ele mesmo e seu ambiente.” Se não houver oportunidade de conflito, não há adolescência, e o sentido da individualidade não pode se desenvolver.

Não haveria adolescência num mundo como o de *1984*, de George Orwell, no qual o Estado controla tudo, as atividades e as relações humanas, a história e até o pensamento. É possível que estejamos caminhando para um mundo semelhante, por meio das técnicas de manipulação dos meios de comunicação, do avanço do controle pela informática. E numa sociedade assim, na qual não há divergência, na qual se exige cada vez mais conformidade, em que o diferente é perigoso, doente ou indecente, e os conflitos não são avaliados pelo seu potencial de crescimento, mas temidos como distúrbios, não pode haver adolescência, ou ela perde a sua utilidade e seu sentido.





MUDANDO O REFERENCIAL

Por mais que existam diferenças de pontos de vista, pessimistas e otimistas concordam, em sua maioria, com a afirmação de que a civilização ocidental atravessa uma profunda crise, talvez a mais grave de sua história. As discordâncias geralmente surgem quando se discute como vai se resolver esta crise: se pela recuperação gradual, ou pela destruição total (Apocalipse?) e posterior renascimento (a Era de *Aquarius*?).

É muito difícil para o adolescente evitar o confronto com este mundo turbulento. Na verdade, basta que ele ande nas ruas de uma grande cidade de olhos abertos. Ou folheie o jornal com alguma atenção, ou assista ao noticiário da TV. A miséria, a fome, a violência, a falta de perspectiva, o desemprego e a competição, o consumismo e o racismo, a destruição da natureza, a exploração do trabalho, a guerra, a ameaça



nuclear, a injustiça e a corrupção estão aí mesmo para quem quiser ver, ao nosso lado no dia a dia, interferindo diretamente em nossas vidas.

Mas ter essa herança pela frente não é razão para desespero. Em vez disso, talvez valha a pena lutar pelo que há de bom e de novo. Lutar pela mudança.

E é evidente que algo de novo está surgindo (e este não é o que pinta na tela da Globo). Um novo ainda mal definido, mas que surge de todos os lados. Que nasce nos avanços da tecnologia, nos movimentos populares, políticos e artísticos. E também no surgimento de novos valores, de uma influência crescente das culturas orientais, das novas consciências pacifista, ecológica e libertadora, de movimentos alternativos em todos os sentidos e direções.

É nesse mundo em crise e mutação, onde novos valores convivem com valores arcaicos e ultrapassados, é nesse mundo confuso e contraditório que o adolescente de hoje deve achar sua identidade e seu papel. Convenhamos que não é das tarefas mais fáceis. Ainda mais quando é ele próprio o veículo principal dessas transformações.

Acontece que ninguém pode gerar transformações impunemente. Como já foi dito (capítulo “Radiografia de uma visão”), nossa civilização está embasada num sistema ideológico rígido e pouco flexível. Ele representa e mantém os interesses dos dominadores, que não querem perder seu poder.



Não se pode, por exemplo, falar em pacifismo sem ferir os interesses das indústrias bélicas, que movimentam diariamente uma quantia de dinheiro cuja décima parte daria para vacinar todas as crianças do planeta contra doenças como a pólio, o sarampo e o tétano. Não se pode falar em medicina alternativa, acupuntura e homeopatia sem ameaçar os lucros gigantescos das multinacionais de drogas, que são mantidos justamente por conta de uma ideologia segundo a qual quanto mais remédio, melhor.

Essa ideologia nos é inculcada, sem que percebamos, desde o começo de nossas vidas. É o sistema de referência no qual nos baseamos para entender e justificar o mundo à nossa volta e orientar nossas ações. É parte integrante de “nosso ser individual”, e conseguir vê-la como uma coisa separada de nós é muito difícil e, às vezes, muito doloroso.

Acontece que a ideologia nem sempre pode justificar tudo ou responder a todas as nossas perguntas. Surgem então contradições e rupturas que precisam ser resolvidas por novas ideias, novas concepções, que exigem modificações importantes no sistema ideológico. Essas modificações acabam, então, por reorientar as opções dos indivíduos, dos grupos e do sistema.

Usando o mesmo exemplo, pode chegar um momento em que a ideologia da “paz armada” não consiga mais justificar o absurdo do desperdício de rios de dinheiro (que vêm do trabalho de pessoas de todos os



países) na construção de brinquedinhos nucleares que podem destruir toda a vida na Terra até por acidente, e eles sejam finalmente banidos. Esse momento só vai chegar depois de muita luta, muito trabalho, e após o estabelecimento de novos valores que venham a substituir os que mantinham a situação anterior.

O mundo novo do qual falamos surge, portanto, das contradições que não podem ser resolvidas pela velha ideologia. Surge da luta e do trabalho de indivíduos e grupos que assumem o papel de questionar o sistema, apontar suas falhas e clamar por transformações.

Ora, o adolescente ainda está em geral menos “enfeitado” pelo sistema ideológico. Já a maioria dos adultos está por demais envolvida pela ideologia que lhe orienta o pensamento e a ação, de tal forma que seus valores lhe parecem absolutamente verdadeiros, lógicos e inquestionáveis.

Assim, muitas vezes, é o adolescente quem vai assumir o papel da crítica, da transformação. Mas esses papéis não são predeterminados ou estanques: a maioria dos jovens tem como projeto de vida a reprodução dos valores e padrões culturais dos seus pais e da sociedade. Assim como muitos adultos passam do conformismo para uma posição criativa e transformadora.

O sistema lança mão de muitas armas para impedir o surgimento desses focos de contestação, ou para reprimi-los, uma vez que eles existam. A primeira tarefa é mais sutil: manter os indivíduos “hipnotizados”



pela ideologia, de forma que pareça não haver nada para reclamar. É o que se pode chamar de “manipulação ideológica”.

A família é um ótimo instrumento nesse sentido. Antigamente, lá pela Idade Moderna, ela era a principal fonte de identidade do jovem. Ele só se compreendia como integrante da família, na qual inclusive aprendia seu ofício (com o pai). A autoridade do pai era máxima e se baseava na dependência direta.

A partir da Revolução Industrial, o jovem passa a adquirir sua formação e treinamento profissional fora da família. Torna-se independente dela. A autoridade paterna perde a consistência: torna-se irracional, pois não se respalda mais numa supremacia objetiva do pai. Em outras palavras: a autoridade converte-se em autoritarismo. Nesse processo, enfraquecem-se também os valores de lealdade e vinculação com a família.

A família patriarcal continua sendo o núcleo básico da nossa cultura. Com a desintegração do seu significado, o adolescente perde sua principal fonte de identidade, sem que ela seja substituída. Cria-se um vazio de valores pessoais, mas mantém-se a submissão cega à autoridade familiar, agora não mais real, e sim nominal – baseada em regras jurídicas, sociais e religiosas.

Dessa forma, a família facilita a submissão a crítica do adolescente ao Estado e ao sistema em geral. Quanto mais a autoridade familiar se torna abstrata e



vazia, maior a tendência do adolescente a aceitar fácil e cegamente qualquer autoridade, desde que ela seja bastante forte.

Obedecer, sem saber por que, sem perguntar se está certo ou errado. Simplesmente obedecer. Se a ordem é pagar impostos, eu pago e me calo. Não me importa se estão construindo bombas ou palácios de luxo com o dinheiro arrecadado. Se a ordem é consumir o máximo possível, eu consumo. Nem me lembro mais por que, só sei que é bom ter mais, e cada vez preciso de mais, do melhor, do último tipo.

Os veículos de comunicação, em especial a televisão, são talvez os melhores meios de manipular as pessoas, fazê-las pensar e agir de modo “conveniente”. A televisão nos coloca num transe hipnótico, e valores e ideias nos “penetram” sem que a gente perceba. É interessante a experiência de olhar a televisão observando-a, pensando (coisa difícil de fazer em frente à telinha). Consumismo, aceitação da violência, individualismo, machismo, preconceitos sociais e comodismo nos são vendidos diariamente, junto com bebidas, roupas e carros.

Um anúncio não vende apenas um produto, mas um estilo de vida. A ponto de pagarmos caro por roupas estampadas com nomes de cigarro, pois isso nos transporta ao mundo do esporte e do sucesso (e não ao do câncer e do infarto...). A ponto de duvidarmos de que é possível viver sem um espremedor



elétrico de frutas ou uma televisão com controle remoto. Uma novela qualquer ou o programa *Fantástico* são ótimos para ensinar padrões de comportamento e manter as pessoas dentro deles. Um “enlatado” dos Estados Unidos não é só emocionante: com ele aprendemos a aceitar a violência e a gostar do estilo de vida americano.

Algumas argumentações bastante típicas são úteis para encobrir os erros do sistema e deslocá-los para o adolescente. Assim, por exemplo, se ele não quer estudar, é acusado de estar resistindo ao crescimento ou de ser preguiçoso. E dessa forma não são encarados os erros dos métodos de ensino tradicionais, alienantes, que massacram a criatividade do jovem. Se o adolescente usa drogas, ele é acusado de estar “fugindo da realidade”. Tudo bem: assim não é preciso pensar se essa realidade que lhe é oferecida não merece ser evitada. Nem é preciso perceber os vícios que a sociedade lhe dá como exemplo (televisão, álcool, culto da aparência, cigarros, remédios). Se o jovem sai da cidade para o campo, ou assume atividades alternativas, ele está “fugindo da raia”... ou será que a vida na cidade grande e o trabalho tradicional não são assim tão maravilhosos, e a sua atitude é uma tentativa de criar uma vida mais humana, afetiva e verdadeira?

Essas são, simplificadaamente, algumas das estratégias usadas para cumprir o objetivo final, a alienação



do adolescente: convencê-lo a reproduzir os padrões sociais vigentes.

No entanto, certos adolescentes (e adultos) sobrevivem a esse “massacre” ideológico. Percebem o vazio e os erros do sistema. Alguns dentre eles, conscientemente ou não, decidem assumir uma atitude de protesto. Tornam-se rebeldes, contestam a autoridade. Ou então passam a assumir posições originais, criativas, desviantes. Seja nos hábitos de moradia, alimentação, vestimenta, na atividade profissional e política, na constituição da família, nos projetos e ideais. São os pioneiros de um novo modo de vida.

Parece, então, que essa “crise adolescente” pode não ser apenas fruto de conflitos familiares e sexuais, ou de busca de identidade, como querem nos convencer. Talvez ela seja, no mínimo, também, a expressão da revolta perante uma herança imposta, uma tentativa de transformar um mundo que ele não pode aceitar.

É importante que se reconheça nos conflitos e no comportamento do adolescente o confronto cultural e ideológico com uma civilização em crise. E que se perceba a sua importância como uma força geradora de transformação, uma força criativa fundamental não só para o crescimento do adolescente, mas da sociedade como um todo.





Subjacente aos conflitos e ao comportamento do adolescente, o confronto com uma civilização em crise.



O adulto adolescente

Já vimos que o sistema tenta rotular as manifestações que o ameaçam como “crise normal da adolescência”, atribuindo suas causas como intrínsecas ao indivíduo. E, mais importante, limitando essa crise a uma determinada faixa etária (a adolescência) .

Muito bem. Para começar, qual é o critério para determinar o fim da adolescência? Geralmente, um indivíduo é dito adulto quando alcançou o seu perfeito ajustamento à sociedade, o encontro de sua posição e seu papel.

Mas, ora, a forma como esse ajustamento se dá é ditada pelo sistema... então, deveríamos pressupor que todas as suas normas são válidas, perfeitas e devem ser assumidas mecanicamente pelas novas gerações. E quem discorda, onde é que fica? E quem não quer viver do jeito que a sociedade considera como correto?

A vida do adulto é construída de forma a lhe tirar o máximo possível a capacidade e a motivação para mudar. Ele aprende que deve deixar de viver a própria vida, para dedicar-se a seus “compromissos” e à sua família (a velha história do “eles terão o que eu não pude ter”). Assim ele perde toda a sua liberdade. Não pode mudar de profissão, de estilo de vida, não pode fazer opções, reformular conceitos e atitudes – isso seria muito ameaçador. Está acorrentado às suas responsabilidades – foi enjaulado pelo sistema.



Muitas vezes encontramos um indivíduo adulto em franca crise, conflitem, questionando e contestando, procurando mudanças. Esse momento é muito importante para ele, mas muito perigoso para o sistema. Resultado: a crise é rotulada de “coisa de adolescente”. Realmente, cara, você com essa idade, pai de família ainda não sabe quem você é, o que quer? Dessa forma, ele é “colocado no seu devido lugar”, reprimido com eficiência. O momento tão precioso se transforma numa infantilidade, da qual ele se envergonha, em vez de aproveitá-la para o seu crescimento.

No entanto, a realidade concreta é que tanto o adulto quanto o adolescente têm liberdade de opção e capacidade de transformação. “O impulso do adolescente que permanece em cada adulto é o que o fará um ser mais ou menos criativo, mais ou menos disposto a desafiar a vida.”

É preciso ultrapassar o “transe” ideológico para poder escolher. Todas as alternativas são alcançáveis, desde a completa integração à sociedade até o desvio mais criativo, a contestação mais radical.

Escolher livremente a sua alternativa é uma tarefa difícil, mas pode ser muito gratificante.





ADOLESCÊNCIA: AQUI E AGORA

“Saúde é um bagulho que a gente não tem.”
(Adolescente de escola pública, ao lhe ser perguntado o que é saúde, em pesquisa no Rio de Janeiro.)

De vez em quando aparece por aí uma pesquisa se propondo a analisar o comportamento do adolescente brasileiro. É o caso de uma pesquisa publicada na revista *Veja*, em maio de 1984, realizada com objetivos mercadológicos por uma agência de publicidade, entre jovens de 15 a 24 anos.

A reportagem descobria atônita que a juventude não correspondia ao tradicional estereótipo do rebelde-drogado-contestador-liberado, mas sim que constituía um universo mais amplo, e de tendências



mais conservadoras do que se esperava. E estereotipava agora os jovens em cinco grupos: o “integrado”, pobre, mas individualista e competitivo; o “conservador”, que tem horror a novos comportamentos e ideias; o “moderno”, ótimo consumidor, esportivo, na moda, mas avesso à política, estudo ou trabalho; o “contestador”, uma minoria que não gosta de modismos e critica o regime e a moral; e, por fim, o “independente”, consumidor reflexivo, liberal e preocupado com seu crescimento pessoal.

Essa pesquisa oferece um bom exemplo da necessidade constante da sociedade de estereotipar o adolescente. Talvez numa tentativa de exercer um melhor controle sobre o papel que ele desempenha e forçá-lo a enquadrar-se dentro de um tipo característico e limitado.

É evidente que esse tipo de pesquisa tem limitações grosseiras. Uma pesquisa comercial se propondo a traçar perfis psicológicos dos jovens brasileiros... missão bastante temerária essa. E o pior é que muitas pessoas acreditam no que leem. Os estereótipos que podemos tirar de pesquisas como essa talvez fossem úteis como personagens de uma tragicomédia, não mais. É claro que a adolescência é muito maior do que isso. O jovem tem uma certa tendência a se identificar com um grupo, a se estereotipar, muitas vezes, mas o universo da adolescência é bem mais amplo. Universo que permite todo tipo de opções, tendências e comportamentos.



O futuro da nação

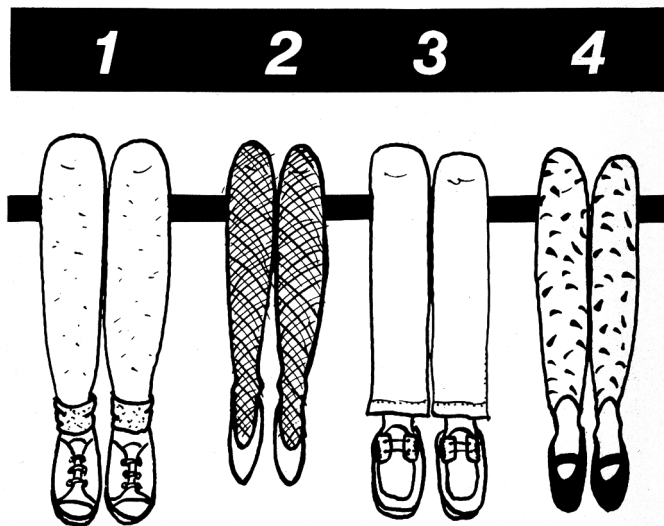
O Brasil tem cerca de 130 milhões de habitantes. Considerando adolescência como faixa etária de dez a vinte anos, temos uns 30 milhões de pessoas nesse grupo. É muito adolescente.

Tentar traçar um panorama da adolescência brasileira seria uma tarefa muito ousada para este livro, e provavelmente resultaria num desastre. O estudo científico realmente sério nessa área ainda está engatinhando. Aqui vamos mostrar apenas alguns dados, entremeados por opiniões pessoais.

Em primeiro lugar, para fins de sistemática e justiça, é preciso dividir os adolescentes em dois grandes grupos: os das camadas médias e altas urbanas e o “resto”. O tom pejorativo é proposital. A grande maioria das vezes em que se ouve falar de adolescente no Brasil, está-se falando do primeiro grupo. O “resto” é constituído de milhões de jovens, tanto nas grandes cidades como no interior, marginalizados da sociedade e dos comentários mais interessantes. São chamados também de “menores”. É possível entrevistê-los algumas vezes, tímidos, cabisbaixos, magros, em reportagens de TV nas favelas ou na página criminal dos jornais. Mas eu afirmo que eles existem, e que são muitos, e vou tentar demonstrar o fato mais adiante.

“Adolescentes de camadas médias e altas urbanas”: taí mais uma classificação. Mas não se iluda





Procurando limitar o papel do adolescente, a sociedade tende a enquadrá-lo em estereótipos.



o leitor: esse não é um grupo homogêneo. É possível dividi-los em alguns milhares de subgrupos. Mas eles têm algumas características em comum.

Os anos 1960 foram extremamente importantes para os adolescentes. Precedida do existencialismo no pós-guerra e da geração *beat* nos anos 1950, a contracultura explodia ao som do *rock'n'roll*, trazendo uma verdadeira revolução social. No mundo todo, jovens combatiam ardentemente uma civilização decadente, propondo um novo estilo de vida, criando novos valores. É a época das revoltas estudantis na Europa e nos Estados Unidos, das comunidades *hippies*, do amor livre, do misticismo, do *rock*, do culto à liberdade, das drogas psicodélicas, do não absoluto ao sistema.

No Brasil, a contracultura chegou um pouquinho atrasada e menos barulhenta que lá fora, mas chegou. Junto com a contestação cultural, encarnada em grande parte no tropicalismo, surgia naquela época um movimento paralelo: o da contestação política. Começava a longa noite da ditadura militar e muitos jovens (e adultos) se lançaram de corpo e alma na militância política, na guerrilha e no terrorismo.

Toda essa onda de mudanças, novos comportamentos e contestação radical, no Brasil como no resto do mundo, se limitava a alguns segmentos da juventude das classes média e alta. A maioria continuava frequentando a escola e comportando-se bem em casa, com o projeto de ascensão social igualzinho ao dos pais na ca-



beça. Dos anos 1960, conheciam os quatro cabeludos ingleses, a morte de Kennedy, o desembarque na Lua e o milésimo gol de Pelé.

Mas não se pode dizer que, mesmo no Brasil, o movimento teve pouco alcance. Pelo contrário, ele foi amplo e deixou marcas profundas em muita gente e na sociedade como um todo.

Mas os anos se passam e chega a década de 1970, uma década terrível para o Brasil. Aberto o caminho pelo tricampeonato no México e pela ilusão do milagre econômico, consolida-se o regime militar. Inicia-se um período de repressão violenta, torturas, censura, bloqueio de informações, corrupção e venda de fantasias de paz, progresso e patriotismo. Em torno de 1973, a crise econômica explode no país fazendo grandes estragos na sociedade. O operariado já massacrado sofre ainda mais, e começam a cair vertiginosamente o poder aquisitivo e as esperanças de um futuro melhor da classe média.

A atual geração adolescente viveu a sua infância sob o signo dos anos 1970. Muitos tiveram parentes desaparecidos ou exilados. Foram educados em um regime de censura e mentiras. Não tiveram acesso à realidade concreta do seu país. Conviveram com uma política suja e corrupta, com o empobrecimento dos pais, o arrocho das mesadas e, muitas vezes, com a necessidade de trabalhar para ajudar em casa. E, muito importante, testemunharam o aumento maciço da



influência dos meios de comunicação, especialmente a TV, no comportamento da sociedade.

Por outro lado, muitos desses adolescentes têm famílias muito diferentes das que tinham os adolescentes dos anos 1960. Pais que participaram de movimentos de avanço político e cultural, com cabeças mais abertas, questionadores, menos autoritários. Com isso, em muitos casos houve um abrandamento do conflito de gerações. A intensa psicologização da sociedade também contribuiu nesse sentido.

Não há dúvida de que hoje em dia existem, no mundo adolescente, manifestações de contestação e protesto contra o sistema, e propostas criativas de novos valores e comportamentos. Esse protesto, hoje menos barulhento, parece às vezes meio cínico, meio numa de não acreditar que alguma coisa vai mudar para melhor. As opções e preocupações dos jovens parecem tender a ser mais individuais que coletivas. Mas nada disso é regra.

Alguns movimentos importantes sacodem hoje em dia a sociedade brasileira. Um deles é o *punk* (o legítimo), surgido entre adolescentes de baixa renda dos subúrbios paulistas. Nas palavras de Antônio Bivar (*O que é punk*, Brasiliense), eles “estão protestando contra o Sistema, contra a guerra, contra as injustiças sociais”, e de uma forma muito própria. Nas artes, temos aí a geração do vídeo, penetrando com novas ideias e métodos no instrumento mais poderoso da nossa era,



a televisão. Vão surgindo e se firmando grupos teatrais e musicais com propostas novas, diferentes e muito especiais. O chamado “movimento alternativo” cria suas raízes e se espalha pela sociedade brasileira em todos os campos de atividades. Milhares de jovens participam intensamente desse movimento, seja atuando em entidades pacifistas, morando em comunidades alternativas, criando cooperativas de vida natural, falando esperanto, inovando na prática política, assumindo posições em defesa da justiça social, aprofundando-se na ciência e no conhecimento alternativo.

Muitas outras tendências e movimentos inovadores existem. Outros estão nascendo, outros por nascer, trazendo propostas importantes para a transformação da sociedade brasileira.

Um outro fenômeno muito interessante ocorre hoje em dia em nosso país, assim como na maioria dos países industrializados. Por meio das suas maiores e mais eficazes armas (a televisão, o cinema, a publicidade), o sistema se apoderou da vida adolescente e até mesmo das suas formas de protesto. E ainda deu um jeito de lucrar (e muito) com isso.

Com a influência maciça desses meios de comunicação, uma grande parte da juventude se transformou numa massa amorfa e moldável conforme as necessidades e desejos do sistema, transformando-se no maior e melhor mercado consumidor da história. O consumismo se disseminou muito entre os adolescen-



tes e, junto com ele, a futilidade, o descompromisso, a passividade, a alienação. De acordo com o que dita a moda, adolescentes usam e “desusam” as mesmas roupas das mesmas butikues, os mesmos cortes de cabelo e óculos escuros, frequentam as mesmas danceterias e academias de ginástica, onde tentam manter os corpos identicamente modelados, compram os mesmos discos, assistem aos mesmos filmes e clipes. Um verdadeiro exército, só que de uniformes mais coloridos. Tudo vem e passa com incrível velocidade, e, por trás disso, correm rios de dinheiro. Até mesmo manifestações como o *rock* e a opção por uma vida natural se transformaram (com exceções, é claro) em meras musiquinhas comerciais e falsos apelos de produtos industriais “naturalizados”. A TV é igual ao jovem e o jovem é igual à TV. Não se sabe mais quem copia quem. E se não imitar, dançou.

Interessante notar que, enquanto nos anos 1960, o que chamava mais a atenção era a contracultura, nos anos 1980 é a padronização e o consumismo. Não é de se estranhar que alguns adolescentes que não entram nessa roda se sintam confusos, desviantes e sozinhos.

Algumas poucas informações sobre o adolescente “médio” podem ser retiradas de pesquisas. Uma coisa é bastante clara: ele continua acreditando e investindo num projeto de vida semelhante ao dos seus pais. A grande maioria dos jovens valoriza o trabalho, o estudo e o casamento, e deseja o sucesso nessas áreas.



Atribuem muita importância ao relacionamento com o sexo oposto e especialmente ao grupo de amizades, por quem se sentem influenciados. Cerca de metade deles, sobretudo as mulheres, não está plenamente satisfeita com a atenção e a educação que recebe da família. A maior parte dos homens e a minoria das mulheres são sexualmente ativas. E a grande maioria dos adolescente é mal informada e orientada em relação a assuntos como cidadania, mercado de trabalho, drogas, sexualidade, métodos anticoncepcionais, doenças sexualmente transmissíveis. O que muitas vezes cria sérios problemas, como já vimos.

O futuro da nação?

Washington – uma singela estatística revela que no país do video clipe, o paraíso do consumo e do prazer imediato, um jovem entre 15 e 24 anos tenta se suicidar a cada dois minutos, sendo que um deles consegue fazê-lo a cada uma hora e 45 minutos. Mais de 500 mil jovens americanos tentam se matar a cada ano.

Helsinki – 9ª Convenção Internacional sobre Suicídio – entre 1965 e 1973, o número de suicídios entre jovens de 15 a 24 anos na Finlândia aumentou 125%, contra 19% na população geral. Na Alemanha Ocidental, o aumento de suicídios entre jovens foi três vezes



maior que no total da população. No Brasil, os índices também são impressionantes.

Psicólogos americanos citam como possíveis causas para o fenômeno “a prevalência e a aceitação da violência na sociedade”, o enfraquecimento dos laços familiares, a ideia fixa da ascensão social, o individualismo e a competição, a falta de perspectivas, o materialismo, o prazer fácil e imediato. Os especialistas de Helsinki consideram como causas do aumento de suicídios juvenis “a alienação e o isolamento do jovem em face do mundo exterior”.

Ainda vamos ter de trabalhar muito para chegar às raízes verdadeiras desse fenômeno. Uma coisa, porém, parece clara: a culpa não é do adolescente. Não aumentaram seus conflitos sexuais nos últimos anos, nem parece ter surgido um vírus que leve os jovens a tentar o suicídio. É evidente que as origens disso estão no sistema. É ele quem leva o jovem a sentir-se desesperançado, perdido e massacrado a ponto de rejeitar a própria vida. Somente levando isso em conta é que se poderá fazer alguma coisa para mudar os fatos.

Que adolescência é essa?

T.S.R. – 17 anos. Sexo feminino. Residência: casa de dois cômodos com nove pessoas, na Cidade de



Deus, Rio de Janeiro. Profissão: faxineira. Horário de trabalho: das 9 às 20 horas, de segunda a sábado. Salário mínimo, que entrega aos pais. Mãe doméstica, pai desempregado. Escolaridade: até a segunda série do 1º grau. Lazer: assistir à televisão aos domingos, namorar sábado à noite. Eventualmente bailes no clube.

J.C.S. – 14 anos. Sexo masculino. Não tem residência. Vive e dorme nas cercanias da avenida Prado Júnior, em Copacabana, Rio de Janeiro. Escolaridade: nenhuma. Profissão: pedinte, limpador de para-brisas, ladrão, “mensageiro” de traficantes de tóxicos ou cafetões. Estado de nutrição: precário. Várias internações e fugas das Funabens da vida.

Em nosso país, de cada grupo de cem crianças matriculadas nos dois primeiros anos escolares, sessenta não passam de ano ou deixam a escola, apenas 17 concluem o ensino fundamental e somente uma chega ao ensino médio. Com o crescente processo de urbanização e o empobrecimento da sociedade, nossas cidades se encheram de crianças e adolescentes que são abandonados por famílias em estado de absoluto desespero.

Em São Paulo, no ano de 1975, 60% dos assaltos à mão armada e 50% dos crimes contra o patrimônio foram cometidos por menores.

As últimas estatísticas falam em números alarmantes: mais de 30 milhões de menores carentes e



cerca de 7 milhões de menores abandonados. E suas condições de vida pioram cada vez mais. É difícil conceber o significado desse fato apenas constatando um número. Imagine-se o que são trinta vezes o estádio do Maracanã lotado de crianças e adolescentes sem lar, sem comida, sem saúde, sem escola, sem qualquer assistência, vivendo à margem da sociedade. É criminoso ignorar sua existência. E esse crime é praticado diariamente.

Pode-se dizer que, hoje em dia, a maioria dos adolescentes brasileiros vive em condições precárias ou mesmo sub-humanas. Talvez seja importante, apesar da dificuldade, imaginar o que é ser criança e adolescente nessas condições. Talvez isso ajude a que as cenas com que nos defrontamos dia a dia sejam realmente registradas, que incomodem, que despertem alguma reação.

A maioria das crianças brasileiras já chega à adolescência com grandes desvantagens: desnutrição, anemia, verminoses, doenças endêmicas, infecções repetidas. Tudo isso faz com que ela não atinja o tamanho e a força que normalmente teria. Seu desenvolvimento intelectual é muito prejudicado, tanto por esses fatores quanto pela falta de estímulos. Milhões de adolescentes brasileiros são deficientes físicos e mentais, não por doenças genéticas, mas simplesmente por miséria.



A escola é totalmente inadequada para crianças pobres, como demonstra a evasão. Não conseguem aprender quase nada. Muitos vão à escola apenas para comer sua única refeição do dia. Outros tantos chegam à adolescência analfabetos.

Por necessidade, têm de trabalhar. Muitos ganham menos que o mínimo, trabalhando um número excessivo de horas, sem quaisquer direitos. Apesar de existir legislação própria para o trabalho do menor, são tratados como escravos. Simplesmente não sabem que estão sendo explorados.

A maioria não tem direito ao lazer. Em nossa sociedade, lazer exige tempo e especialmente dinheiro.

São frequentemente utilizados por marginais, que os usam com objetivos criminosos. Muitos se tornam ladrões e assassinos. Uma forma de expressar sua revolta? Um modo de sobreviver?

Pouco se sabe sobre sua sexualidade. Muitos vivem em ambiente de promiscuidade. Outros se prostituem para sobreviver e são mais explorados. A gravidez é frequente. O aborto é a solução que, praticada sem condições, várias vezes acaba no hospital ou no necrotério. Ou então, nasce mais uma criança condenada à miséria.

Não há família feliz se não há comida. Pais em busca de sobrevivência não costumam dedicar muito tempo aos seus filhos. Isso quando não são alcoólatras, marginais ou doentes, ou quando não os espancam to-



dos os dias. O adolescente é quem mais precisa de comida, depois do bebê, pois está crescendo rapidamente. No entanto, não tem prioridade à mesa. Muitos passam fome.

Enquanto estuda, trabalha, rouba, padece de fome e maus tratos, o adolescente pobre se vê cercado por estímulos maciços ao consumo, mensagens dirigidas a quem tem dinheiro: o mundo trata melhor quem se veste bem, e daí para baixo. É de se imaginar como ele se sente, e as reações que despertam nele esses “recados”.

Muito pouco se tem feito por esses adolescentes. Alguns gritam, outros fazem discursos bombásticos pregando o “direito do menor”. Mas a situação tem piorado. Quanto ao adolescente infrator, o famoso “delinquente juvenil”, o que costumamos fazer é confiná-lo em instituições penais, onde são tantas vezes maltratados e explorados. Nessas instituições não lhes são dadas a orientação e as condições mínimas para voltar ao convívio social. Para onde, aliás, provavelmente retornariam no ciclo miséria – marginalidade.

Mais recentemente, nossa sociedade mostrou sua face mais sórdida e perversa para com os chamados “meninos de rua”. Centenas deles vêm sendo cruelmente torturados e assassinados por quadrilhas organizadas, em várias grandes capitais do país. Organismos de defesa, como o Movimento Nacional dos Meninos de Rua, denunciam o envolvimento de juízes, policiais e empre-



sários nessas matanças, e têm seus líderes ameaçados de morte, sequestrados ou desmoralizados.

A situação tornou-se tão grave que acabou por despertar algum interesse. No exterior, reportagens em grandes periódicos e entidades como a Anistia Internacional fizeram denúncias e acusaram o governo brasileiro de descaso. Algumas organizações não governamentais estrangeiras e nacionais começaram a criar projetos de auxílio a meninos de rua, oferecendo abrigo, assistência médica, alimentação e inserção profissional. Os próprios meninos e meninas se organizaram, com ajuda de algumas entidades, e realizaram encontros em que manifestavam suas reivindicações. Recentemente, o governo federal se propôs a assistir menores carentes em projetos de educação integrada.

Enfim, alguma coisa tem sido feita. Mas resta muito a fazer. A sociedade brasileira como um todo precisa se dar conta do sofrimento dessas crianças e adolescentes e passar a respeitá-los e assisti-los agora. Não basta a preocupação com “uma grande massa de marginais no futuro”. Para transformar realmente as suas condições de vida, são necessárias reformas profundas no sistema social. Essa transformação passa necessariamente pela redistribuição de renda e pela justiça social; por uma reforma radical no sistema de ensino, inclusive com a implantação de educação para a saúde e educação sexual nas escolas; pela formação de pessoal especializado, pela ativação de centros comu-



nitários com atividades sociais, educacionais, culturais e profissionalizantes, que forneçam abrigo, alimentação e assistência médica; pela fiscalização do trabalho do menor, e muitas outras medidas.

Recentemente foi criado o Estatuto da Criança e do Adolescente. Nele estão expressos direitos aos quais a maioria dos nossos jovens não tem acesso. Cabe a cada cidadão procurar observar esses direitos e fiscalizar a própria sociedade. E, principalmente, cabe a cada um de nós olhar para esses adolescentes com o respeito devido a um ser humano, e não com o desprezo por mais um “trombadinha”.

E talvez caiba especialmente aos adolescentes brasileiros que tiveram a sorte de nascer e viver em condições de vida adequadas se engajarem de alguma forma na defesa desses jovens de sua própria geração, aos quais virtualmente tudo foi negado.

Este país tem uma dívida enorme para com seus adolescentes. É preciso que ela seja resgatada, começando agora.





POR QUE ADOLESCÊNCIA?

O mundo contemporâneo, com suas crises, avanços, mudanças, passa por grandes transformações sociais, políticas e econômicas. Num mesmo movimento, também a ideologia se transforma, buscando novas combinações e padrões que justifiquem as mudanças e legitimem as ações do ser humano.

As respostas que hoje em dia emanam de nossos sistemas ideológicos tradicionais são curtas e frágeis demais para as perguntas que fazemos. Perguntas muito complexas, tentativas de compreender o próprio significado da vida. As velhas ideias do patriarcalismo ocidental, as estereotípias, a rigidez dos papéis, a dualidade, a injustiça, o preconceito já não nos servem mais.

Das contradições que vivemos dia a dia está surgindo um novo mundo. Estamos diante de um



momento em que as bases de uma nova concepção de vida estão sendo colocadas. Pode-se dizer que a nossa cultura está ela própria passando por uma “crise adolescente”.

O jovem tem um papel fundamental nesse processo. Na busca da sua individualidade e no confronto com a cultura, ele muitas vezes se diferencia, critica, questiona, contesta e traz ideias e propostas novas. Dessa forma, ele provoca a revisão, a autoavaliação, a transformação da sociedade.

Nossa cultura nunca permitiu, a não ser recentemente e a muito custo, o confronto de forças opostas, a contestação criativa. Reprimiu a polarização e sempre lutou para preservar a tradição.

A própria adolescência sempre foi muito reprimida. A regra era a identificação com a tradição, a reprodução exata da vida dos pais, o “bom comportamento”. Quando o conflito era incontrolável, ele ocorria num clima de culpa que impedia o seu aproveitamento.

Nos últimos anos, o questionamento do adolescente não vem sendo apenas reprimido. A sociedade, como já foi dito, tem manipulado o adolescente com suas ilusões e prazeres imediatos, de tal forma que o conflito morra antes de surgir.

Esse é um processo muito perigoso. Abafar e esconder as contradições, temer o conflito em vez de aproveitar o seu potencial de crescimento, isolar o desviante, criar condições para a padronização das



cabeças e ideias, tudo isso só pode levar a um caminho: o da estagnação.

O conflito e a dúvida costumam trazer muito sofrimento. Mas o valor positivo deles pode ser ainda maior. São importantes tanto para o indivíduo alcançar sua identidade plena e integrada, quanto para a sociedade, que tem aí a sua maior oportunidade de transformar-se, criar, procurar novas sínteses, buscar o seu crescimento.

Será ótimo aprendermos a aproveitar os nossos conflitos. Tanto como indivíduos, quanto como grupo social, vamos ter muito a ganhar.

A adolescência é muito importante neste momento. Nem o indivíduo nem a sociedade podem prescindir dela.

É na adolescência que começamos a aprender a escolher livremente. É um aprendizado que nunca termina, talvez porque escolher é uma das tarefas mais difíceis da vida. Sempre que optamos por alguma coisa, estamos perdendo muitas outras. O adolescente, frente às suas primeiras e inúmeras escolhas, muitas vezes sente-se confuso, angustiado.

Mas poder escolher é um privilégio. E deve ser exercido sempre que possível. As alternativas existem, em grande número e dos mais diversos tipos. E optar por uma delas não é necessariamente um passo definitivo; sempre se pode voltar atrás e recomeçar.



O mais importante é participar das escolhas, participar ativamente da vida, tanto como indivíduo quanto como parte integrante da sociedade.

O adolescente não é o futuro da pátria, nem a esperança do amanhã. Seu lugar é aqui, seu tempo é o presente, e sua vida lhe pertence para vivê-la da maneira que escolher.



INDICAÇÕES PARA LEITURA

Três textos foram de grande importância para a idealização e a elaboração deste livro. O problema é que eles não são editados comercialmente. Os dois primeiros são “O adolescente e a dinâmica sociocultural e econômica: o conflito de gerações”, de Geraldo Semenzato, e “Adolescência e transformação social”, de Carlos Byington. Ambos são excelentes textos que analisam com profundidade a questão do relacionamento entre adolescência e meio social. Podem ser encontrados na Biblioteca do Instituto de Pediatria da UFRJ, na Ilha do Fundão, Rio de Janeiro.

O terceiro texto é a tese de Edson Saggese, “*Adolescência: a ideologia das teorias*”, analisa que o conceito de adolescência em três teorias psicanalíticas e a questão da ideologia de forma abrangente e bastante interessante. Encontra-se na Biblioteca do Instituto de Psiquiatria da UFRJ, na Praia Vermelha.

Teorias da adolescência, de Rolf Muuss (Minas Gerais, Interlivros), é um livro ótimo para uma visão geral de várias teorias que abordam a questão do adolescente. Vale a pena. Alguns bons livros para quem deseja conhecer melhor o tema da sexualidade e suas implicações na adolescência: *Sexo para*



adolescentes, de Marta Suplicy (FTD); *O que está acontecendo comigo*, de Mayle, Robins e Walter (Nobel Editora) e *ABC do amor e do sexo*, de Alex Comfort. São todos escritos especialmente para adolescentes, abordando assuntos como transformações puberais, relação sexual, contracepção, gravidez, homossexualidade etc.

Para quem quer se aprofundar em algumas teorias sobre adolescência, seria bom ler *Identidade, juventude e crise*, de Erik Erikson (Zahar), *Coming of age in Samoa*, de Margaret Mead e *Adolescência normal*, de Aberastury e Knobel (Artes Médicas). E ainda outros, como os livros de Anna Freud, Eduardo Kalina e David Ausubel.

A coleção “Primeiros Passos” tem alguns livros excelentes para quem quer entender melhor os movimentos que sacudiram e sacodem a juventude nos últimos anos. Entre eles, eu sugeriria a leitura de *O que é punk* (Antônio Bivar), *O que são comunidades alternativas* (Carlos Tavares) e *O que é contracultura* (Carlos A. M. Pereira), todos da Brasiliense.

O mundo do menor infrator, de vários autores (Cortez/Autores Associados), é um bom começo para entrar em contato com essa assombrosa realidade, que está aí na nossa cara, mas que muito poucos conhecem realmente. E para uma ótima e muito esclarecedora discussão sobre os meios de comunicação de massas, em especial a TV, não perca *Política e imaginário*, de Ciro Marcondes Filho (org.), pela Summus.

Um livro essencial para profissionais que lidam com adolescência é o *Tratado de adolescência*, da Cultura Médica. Essa obra cobre a maioria dos temas relacionados com o assunto e conta com a participação de alguns dos melhores profissionais do país que trabalham nessa área.





Sobre o autor

Nasci no Rio de Janeiro, no inverno de 1958.

Aos dez anos, após uma infância tranquila, tive a minha primeira experiência literária. Reescrevi o hino da escola com uma letra meio sacana. Logo eu, orgulho da família e dos professores. O novo hino fez muito mais sucesso que o anterior, mas tive de mudar de escola.

Fui um adolescente tímido e bem-comportado (a tal da crise vim a ter bem mais tarde). Participei ativamente de um movimento juvenil, dos 13 aos vinte anos, o que foi fundamental na minha formação pessoal e despertou meu interesse pela adolescência.

Após viajar durante um ano, entrei para a Faculdade de Medicina da UFRJ, onde também fiz a residência em pediatria. Hoje em dia sou pediatra com formação em medicina do adolescente, um campo relativamente novo, cuja filosofia básica é a assistência global ao adolescente.

Como escritor, após vários contos e poesias, grandes sucessos de autocritica, esta é a minha maior viagem (literalmente). E espero que não seja a última.



BRANCA



ABORTO
AÇÃO CULTURAL
ACUPUNTURA
ADMINISTRAÇÃO
ADOLESCÊNCIA
AGRICULTURA SUSTENTÁVEL
AIDS
AIDS – 2ª VISÃO
ALCOOLISMO
ALIENAÇÃO
ALQUIMIA
ANARQUISMO
ANGÚSTIA
APARTAÇÃO
APOCALIPSE
ARQUITETURA
ARTE
ASSENTAMENTOS RURAIS
ASSESSORIA DE IMPRENSA
ASTROLOGIA
ASTRONOMIA
ATOR
AUTONOMIA OPERÁRIA
AVENTURA
BARALHO
BELEZA
BENZEÇÃO
BIBLIOTECA
BIOÉTICA
BOLSA DE VALORES
BRINQUEDO
BUDISMO
BUROCRACIA
CAPITAL
CAPITAL INTERNACIONAL
CAPITALISMO
CETICISMO
CIDADANIA

CIDADE
CIÊNCIAS COGNITIVAS
CINEMA
COMPUTADOR
COMUNICAÇÃO
COMUNICAÇÃO EMPRESARIAL
COMUNICAÇÃO RURAL
COMUNIDADES ALTERNATIVAS
CONSTITUINTE
CONTO
CONTRACEPÇÃO
CONTRACULTURA
COOPERATIVISMO
CORPO
CORPOLATRIA
CRIANÇA
CRIME
CULTURA
CULTURA POPULAR
DARWINISMO
DEFESA DO CONSUMIDOR
DEFICIÊNCIA
DEMOCRACIA
DEPRESSÃO
DEPUTADO
DESIGN
DESOBEDIÊNCIA CIVIL
DIALÉTICA
DIPLOMACIA
DIREITO
DIREITOS DA PESSOA
DIREITOS HUMANOS
DIREITOS HUMANOS DA MULHER
DOCUMENTAÇÃO
DRAMATURGIA
ECOLOGIA
EDITORA
EDUCAÇÃO



EDUCAÇÃO AMBIENTAL
EDUCAÇÃO FÍSICA
EDUCACIONISMO
EMPREGOS E SALÁRIOS
EMPRESA
ENERGIA NUCLEAR
ENFERMAGEM
ENGENHARIA FLORESTAL
ENOLOGIA
ESCOLHA PROFISSIONAL
ESCRITA FEMININA
ESPERANTO
ESPIRITISMO
ESPIRITISMO 2ª VISÃO
ESPORTE
ESTATÍSTICA
ÉTICA
ÉTICA EM PESQUISA
ETNOCENTRISMO
EXISTENCIALISMO
FAMÍLIA
FANZINE
FEMINISMO
FICÇÃO
FICÇÃO CIENTÍFICA
FILATELIA
FILOSOFIA
FILOSOFIA DA MENTE
FILOSOFIA MEDIEVAL
FILOSOFIA CONTEMPORÂNEA
FÍSICA
FMI
FOLCLORE
FOME
FOTOGRAFIA
FUNCIONÁRIO PÚBLICO
FUTEBOL
GASTRONOMIA

GEOGRAFIA
GESTO MUSICAL
GOLPE DE ESTADO
GRAFFITI
GRAFOLOGIA
GREVE
GUERRA
HABEAS CORPUS
HERÓI
HIEROGLIFOS
HIPNOTISMO
HISTÓRIA
HISTÓRIA DA CIÊNCIA
HISTÓRIA DAS MENTALIDADES
HISTÓRIA EM QUADRINHOS
HOMEOPATIA
HOMOSSEXUALIDADE
IDEOLOGIA
IGREJA
IMAGINÁRIO
IMORALIDADE
IMPERIALISMO
INDÚSTRIA CULTURAL
INFLAÇÃO
INFORMÁTICA
INFORMÁTICA 2ª VISÃO
INTELECTUAIS
INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL
IOGA
ISLAMISMO
JAZZ
JORNALISMO
JORNALISMO SINDICAL
JUDAÍSMO
JUSTIÇA
LAZER
LEGALIZAÇÃO DAS DROGAS
LEITURA



LESBIANISMO
LIBERDADE
LÍNGUA
LINGUÍSTICA
LITERATURA INFANTIL
LITERATURA DE CORDEL
LIVRO-REPORTAGEM
LIXO
LOUCURA
MAGIA
MAIS-VALIA
MARKETING
MARKETING POLÍTICO
MARXISMO
MATERIALISMO DIALÉTICO
MEDIAÇÃO DE CONFLITOS
MEDICINA ALTERNATIVA
MEDICINA POPULAR
MEDICINA PREVENTIVA
MEIO AMBIENTE
MENOR
MÉTODO PAULO FREIRE
MITO
MORAL
MORTE
MULTINACIONAIS
MÚSICA
MÚSICA BRASILEIRA
MÚSICA SERTANEJA
NATUREZA
NAZISMO
NEGRITUDE
NEUROSE
NORDESTE BRASILEIRO
OCEANOGRAFIA
OLIMPISMO
ONG
OPINIÃO PÚBLICA

ORIENTAÇÃO SEXUAL
PANTANAL
PARLAMENTARISMO
PARLAMENTARISMO MONÁRQUICO
PARTICIPAÇÃO
PARTICIPAÇÃO POLÍTICA
PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL
PATRIMÔNIO HISTÓRICO
PEDAGOGIA
PENA DE MORTE
PÊNIS
PERIFERIA URBANA
PESSOAS DEFICIENTES
PODER
PODER LEGISLATIVO
PODER LOCAL
POLÍTICA
POLÍTICA CULTURAL
POLÍTICA EDUCACIONAL
POLÍTICA NUCLEAR
POLÍTICA SOCIAL
POLUIÇÃO QUÍMICA
PORNOGRAFIA
PÓS-MODERNO
POSITIVISMO
PRAGMATISMO
PREVENÇÃO DE DROGAS
PROGRAMAÇÃO
PROPAGANDA IDEOLÓGICA
PSICANÁLISE 2ª VISÃO
PSICODRAMA
PSICOLOGIA
PSICOLOGIA COMUNITÁRIA
PSICOLOGIA SOCIAL
PSICOTERAPIA
PSICOTERAPIA DE FAMÍLIA
PSIQUIATRIA ALTERNATIVA
PSIQUIATRIA FORENSE



PUNK
QUESTÃO AGRÁRIA
QUESTÃO DA DÍVIDA EXTERNA
QUÍMICA
RACISMO
RADIOATIVIDADE
REALIDADE
RECESSÃO
RECURSOS HUMANOS
RELAÇÕES INTERNACIONAIS
REMÉDIO
RETÓRICA
REVOLUÇÃO
ROBÓTICA
ROCK
ROMANCE POLICIAL
SEGURANÇA DO TRABALHO
SEMIÓTICA
SERVIÇO SOCIAL
SINDICALISMO
SOCIOBIOLOGIA
SOCIOLOGIA
SOCIOLOGIA DO ESPORTE
STRESS
SUBDESENVOLVIMENTO
SUICÍDIO
SUPERSTIÇÃO
TABU
TARÔ
TAYLORISMO
TEATRO
TEATRO INFANTIL
TEATRO NÔ
TECNOLOGIA
TELENOVELA
TEORIA
TOXICOMANIA
TRABALHO

TRADUÇÃO
TRÂNSITO
TRANSPORTE URBANO
TRANSEXUALIDADE
TROTSKISMO
UMBANDA
UNIVERSIDADE
URBANISMO
UTOPIA
VELHICE
VEREADOR
VÍDEO
VIOLÊNCIA
VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER
VIOLÊNCIA URBANA
XADREZ
ZEN
ZOOLOGIA